



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARRAIAS PROF. DR. SÉRGIO JACINTHO
LEONOR
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

YUANNE MOURA SOARES RODRIGUES

DO QUILOMBO Á UNIVERSIDADE: POLITICAS DE ACESSO E PERMANÊNCIA
DE QUILOMBOLAS NA UFT

Arraias -TO
2021

Yuanne Moura Soares Rodrigues

**Do quilombo à universidade: políticas de acesso e permanência de
quilombolas na UFT**

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Arraias, Curso de Pedagogia, para obtenção do título de Pedagoga e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Orientadora: Profa. Dra. Aline Fagner de Carvalho e Costa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

R696d Rodrigues, Yvanne Moura Soares.
Do quilombo á universidade: políticas de acesso e permanência de
quilombolas na UFT. / Yvanne Moura Soares Rodrigues. – Arraias,
TO, 2021.
61 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins –
Câmpus Universitário de Arraias - Curso de Pedagogia, 2021.

Orientadora : Aline Fagner de Carvalho e Costa

1. Quilombolas. 2. Universidade. 3. Lei de Cotas. 4. Acesso. I.
Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de
qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que
citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime
estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da
UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

Yuanne Moura Soares Rodrigues

**Do quilombo à universidade: políticas de acesso e permanência de
quilombolas na UFT**

Monografia foi avaliada e apresentada à Universidade Federal do Tocantins – UFT - Campus Universitário Prof. Dr. Sérgio Jacintho Leonor, Curso de Pedagogia, para obtenção do título de Pedagogo/a e aprovada/o em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 16/12/2021

Prof.^a Dr.^a Aline Fagner de Carvalho e Costa (UFT)
Orientadora

Prof. Dr. Erasmo Baltazar Valadão (UFT)
Professor Avaliador 1

Prof.^a Dr.^a Janaína Santana da Costa (UFT)
Professora Avaliadora 2

AGRADECIMENTOS

Hoje só quero agradecer a Deus, por estar sempre me guiando em um bom caminho pois hoje termina mais um ciclo na minha vida, A palavra que me define é gratidão obrigada senhor pela oportunidade, sou uma mulher vitoriosa.

Agradeço também a minha mãe Jacira Moura Soares, por estar sempre ao meu lado em todos os momentos, sempre me dando força para nunca desistir. Agradeço minha irmã Geane Moura Malheiros por me ajudar com os conselhos e compartilhar os seus conhecimentos.

Os meus colegas por estar sempre junto nos momentos difíceis e diversão, foi muito bom está com vocês estes quatro anos e meio, nossa turma eram uma turma muito unida e pronta para ajudar o colega em qualquer circunstância, pois chegamos nessa junto é queríamos sair juntos.

A minha orientadora, Profa. Dra. Aline Fagner de Carvalho e Costa, pelo encorajamento e dedicação nesse período que passamos juntas na construção desse trabalho.

Aos demais mestres e a todos que fizeram parte da minha formação direta ou indiretamente obrigada por acompanhar o meu ensino.

RESUMO

Este estudo científico tem como objetivo identificar as dificuldades enfrentadas pelos estudantes quilombolas durante o processo de graduação na Universidade Federal do Tocantins Campus de Arraias, visto que o preconceito com os negros pode se expressar em diferentes formas, mesmo diante de espaços acadêmicos/científicos, dificultando o acesso e permanência destes estudantes. A maior parte dos estudantes da referida faculdade é de pessoas negras e uma pequena parte pertence a comunidades quilombolas da região. Este estudo tem metodologia qualiqualitativa, em que foram utilizadas pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, de campo, observação, entrevistas/questionários com perguntas abertas e fechadas. E para a fundamentação teórica houve o diálogo entre autores como Furtado (2013), Valadão (2018), Sousa; Santos (2018), e entre outros. Sendo assim, este trabalho apresenta as políticas públicas e afirmativas que surgiram ao longo dos anos, que só vieram acontecer de forma tardia, após a manifestações do movimento negro no país, visto que, hoje estudantes remanescentes de comunidades quilombolas tem direito ao acesso e a permanência na educação superior.

Palavras-chaves: Quilombolas; Universidade; Lei de Cotas; Acesso; Permanência.

ABSTRAT

This scientific study aims to identify the difficulties faced by quilombola students during the graduation process at the Federal University of Tocantins Campus of Arraias, since the prejudice against black people can be expressed in different ways, even in the face of academic/scientific spaces hindering access and permanence of these students, in which, most students of this college are black people and that a small part belongs to quilombola communities in the region. This study has a qualitative characteristic, in which the methodologies used were bibliographical research, documentary and field research, observation, interviews/questionnaires with open and closed questions. And for the theoretical foundation there was the dialogue between authors such as Furtado (2013), Valadão (2018), Sousa; Santos (2018), and among other authors. Thus, this paper presents the public and affirmative policies that have emerged over the years, which only came to happen belatedly, after the manifestations of the black movement in the country, since, today, remaining students from quilombola communities have the right to access and permanence in higher education.

Keywords: Quilombolas, University, Students, Blacks, Access and Permanence.

LISTA DE TABELA

Tabela 1. Demonstração da taxa de analfabetismo da população com 15 anos ou mais	16
Tabela 2. Total de matrículas na UFT por campus em 2021	37
Tabela 3 . Total de matrículas na UFT – Arraias por curso em 2021.....	38
Tabela 4. Quilombolas ingressantes na UFT entre 2014 - 2021	40
Tabela 5. Estudantes quilombolas ingressantes na UFT campus Arraias de 2015 – 2021 por curso	42

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Total de matrículas na UFT – Arraias por curso em 2021	38
Gráfico 2. Estudantes quilombolas ingressantes na UFT de 2014 – 2021 por campus.....	39
Gráfico 3. Estudantes quilombolas ingressantes na UFT de 2014 – 2021 por campus.....	40
Gráfico 4. Estudantes quilombolas ingressantes na UFT campus Arraias de 2015-2021.....	41
Gráfico 5. Estudantes quilombolas ingressantes na UFT campus Arraias de 2015 – 2021 por curso	42
Gráfico 6. Idade de estudantes quilombolas entrevistados.....	44
Gráfico 7. Sexo de estudantes quilombolas entrevistados	44
Gráfico 8. Nome da comunidade/município de estudantes quilombolas entrevistados.....	45
Gráfico 9. Curso de estudantes quilombolas entrevistados	45
Gráfico 10. Período do curso de estudantes quilombolas entrevistados	46
Gráfico 11. Primeira pessoa da família de estudantes quilombolas entrevistados a ingressar na universidade	47
Gráfico 12. Ingresso pelo sistema de cotas na universidade.....	48
Gráfico 13. Dificuldades na permanência na universidade	49
Gráfico 14. Qualidade do auxílio de professores/as diante as dificuldades no ensino.....	50
Gráfico 15. Tratamento de forma diferenciada na universidade	50
Gráfico 16. Acesso à bolsa permanência (MEC)	51
Gráfico 17. Acesso a outras políticas na universidade voltada a permanência no curso.....	52
Gráfico 18. Qualidade do auxílio para manter a permanência na Universidade	53
Gráfico 19. Estudantes quilombolas entrevistados que sofreram algum preconceito dentro da universidade	54

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 IDENTIDADE E RESISTÊNCIA DA PESSOA NEGRA E SEU CAMINHO À UNIVERSIDADE PÚBLICA	13
2.1 História da origem e eventos de resistência.....	13
2.2 Questão racial, movimentos sociais e luta por políticas afirmativas	17
2.3 Direitos humanos e inclusão por meio de políticas educacionais e ações afirmativas	20
3 HISTÓRIA DAS POLÍTICAS INSTITUCIONAIS DA UFT PARA INCLUSÃO E PERMANÊNCIA DE QUILOMBOLAS	26
3.1 Universidade Federal localizada da região do Sudeste do Tocantins e Nordeste Goiano	26
3.2 UFT de Arraias e movimentos sociais locais.....	29
3.3 Políticas de permanência e ensino da UFT do Campus de Arraias	31
4 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA: CAMPO, MÉTODOS E FERRAMENTAS.	34
4.1 Tipos de pesquisa	34
4.2 Sujeitos e colaboradores	35
4.3 Procedimentos e instrumentos	35
5 RELATOS E REALIDADES DE ESTUDANTES QUILOMBOLAS NA UFT DE ARRAIAS.....	37
5.1 O que diz os dados da UFT de Arraias	37
5.2 O que dizem os estudantes quilombolas da UFT de Arraias	43
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS.....	57
APÊNDICE.....	61

1 INTRODUÇÃO

Esse estudo tem o intuito de mostrar a trajetória do quilombola, do acesso à permanência e conclusão em cursos de graduação da Universidade Federal do Tocantins Campus de Arraias, os cursos presenciais são de Licenciatura em Pedagogia, Licenciatura em Matemática, Licenciatura em Educação do Campo - Habilitação em Artes e Música, Tecnólogo em Turismo Patrimonial e Socioambiental, Bacharelado em Direito.

Como sabemos, são longos os percursos destes sujeitos que batalharam até conseguirem alguns de seus direitos. Sendo assim, é fundamental trabalhar essa questão como forma de reconhecimento de suas realidades de dificuldades, lutas e resistência para essa aquisição.

Neste sentido é importante discutir a forma com que a pessoa negra é tratada no país. Os movimentos sociais potencializaram as discussões acerca do direito do negro, mas é possível ver a educação tratar a pessoa negra como 'o outro', um alguém, como se esses sujeitos fossem diferentes e que sua existência fosse recente em nosso meio.

A educação brasileira utiliza o termo inclusão do negro em espaços educacionais, mas não há história do negro, mesmo sendo esta história de muitos brasileiros. O Brasil é formado por uma população mestiça de sangue negro, que sustenta a identidade colonizada, que a faz negar a sua identidade e negar a sua verdadeira história.

Com tantos conflitos sociais do povo negro, o negro ainda enfrenta inúmeras dificuldades sociais como o acesso à universidade, acesso à educação com qualidade, ao mercado de trabalho devido à sua cor/raça, e entre outros fatores. O negro é tratado como sujeito marginalizado, pois estas circunstâncias acontecem principalmente pela exclusão resultante da desigualdade social. E a única maneira que o negro é lembrado na educação é somente no dia 20 de novembro (Dia da Consciência Negra), em que muitos ainda não compreendem, devido à forma fragmentada com que sua história vem sendo contada.

Devido à grande discriminação do negro na sociedade, a educação ainda é moldada aos interesses dos brancos. Estes brancos são aqueles que fazem parte da elite manipuladora que trata os negros como seres inferiores, incapazes de chegar a alto nível de conhecimento e reconhecimento social de igualdade.

Contudo dentre as poucas conquistas da população negra destaca-se a conquista de políticas afirmativas, como as cotas para estudantes quilombolas, pois estes estudantes são sujeitos culturais que pertence a algum quilombo, onde muitos destes estudantes remanescentes quilombolas deixam sua comunidade e vão para a cidade para dar continuação aos estudos e até mesmo ingressar no ensino superior.

Segundo o site da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ), é importante ressaltar que os remanescentes de quilombo são,

[...] definidos como grupos étnico-raciais que tenham também uma trajetória histórica própria, dotado de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida, e sua caracterização deve ser dada segundo critérios de auto-atribuição atestada pelas próprias comunidades, como também adotado pela Convenção da OIT sobre Povos Indígenas e Tribais (CONAQ, 2016).

Em concordância, os sujeitos que residem atualmente em comunidades de quilombo, são descendentes de povos negros, afro-brasileiros que fugiram da violência resultado da escravidão e formaram suas comunidades para viverem vida tranquila. Durante todo esse período os remanescentes tentam guardar as histórias, as memórias e os valores e ao mesmo tempo lutar para os seus territórios não serem invadidos por pessoas que não pertencem ao grupo étnico-racial.

Os remanescentes quilombolas, dessa forma, como os povos indígenas buscam resistir e proteger sua cultura, crenças, princípios, artesanatos, e principalmente do próprio território, no qual buscam resistir as ameaças, de outro da sociedade. Sendo assim, “comunidade remanescente de quilombo é uma categoria social relativamente recente, representa uma força social relevante no meio rural brasileiro, dando nova tradução àquilo que era conhecido como comunidades negras rurais [...]” (CONAQ, 2016).

Dessa maneira, o objetivo geral deste trabalho é conhecer as dificuldades enfrentadas por estes estudantes quilombola, diante da sua entrada na universidade e, sobretudo, sua permanência e conclusão da graduação. São objetivos específicos: no analisar a realidade dos acadêmicos quilombolas contexto da UFT e especificamente no campus de Arraias; identificar quais são os desafios destes estudantes dentro do processo de formação universitária; e pesquisar como os alunos lidam com a sua representação quilombola no contexto da universidade.

A problematização central desta pesquisa é: quais são as dificuldades dos estudantes quilombolas em permanecer na Universidade Federal do Tocantins Campus de Arraias?

Como forma justificativa da escolha desse tema destaca-se o fato de que sou estudante, pesquisadora negra, quilombola, venho da comunidade do Kalunga do Mimoso, mas especificamente na região das Matas no município de Arraias – Tocantins. Assim sendo, pude ingressar na universidade por meio do sistema de cotas para negros e tive acesso aos direitos de permanência na universidade. Conheço a realidade de estudantes quilombolas que batalharam para entrar na universidade e permanecer em busca da sua formação superior. A expectativa é de que tal formação tenha o sentido libertador, uma vez que superada as dificuldades, vislumbra-se oportunidades de melhoria de vida para toda comunidade de origem com o retorno do egresso da UFT.

Assim, este estudo tem característica a pesquisa do tipo qualitativa, na qual foram utilizadas as metodologias de pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, de campo com observação participante, entrevistas/questionários com perguntas abertas e fechadas respondidas por quilombolas que estudam no Campus de Arraias da UFT.

A relevância do tema está na necessidade de se destacar a presença e permanência das identidades quilombolas no ensino superior. Posto isso, esta pesquisa fundamenta-se em diálogos entre autores como Furtado (2013), Valadão (2018), Sousa; Santos (2018), e entre outros autores que vem discutindo a identidade negra no Brasil, as políticas públicas raciais, o movimento negro, os aspectos e características da identidade étnica racial do povo Quilombola do Kalunga do Mimoso do município de Arraias – TO.

Este trabalho científico, está dividido em cinco seções. A primeira aborda a introdução como ponto inicial que apresenta de forma rápida o assunto discutido durante o desenvolvimento deste estudo, que busca de forma esclarecedora como problemática de pesquisa o percurso do estudante quilombola no ambiente acadêmico.

A segunda vem destacar a identidade e resistência da pessoa negra e seu caminho à universidade pública na perspectiva dos direitos humanos e sua inclusão por meio de políticas e ações afirmativas. Também, a questão racial, os movimentos sociais e a luta por políticas afirmativas. A terceira aborda os aspectos da identidade

quilombola tendo como foco a comunidade Kalunga do Mimoso, localizada no município de Arraias/Tocantins.

A quarta discute a história das políticas institucionais da Universidade Federal do Tocantins para inclusão e permanência de quilombolas de Arraias. E a quinta e última aborda os aspectos finais deste trabalho científico, destacando os instrumentos e sujeitos que colaboraram com a pesquisa, sendo eles os estudantes, docentes e técnicos administrativos, que vem contribuir com reflexões sobre o acesso e a permanência dos estudantes quilombolas na UFT do Campus de Arraias/TO.

2 IDENTIDADE E RESISTÊNCIA DA PESSOA NEGRA E SEU CAMINHO À UNIVERSIDADE PÚBLICA

Este capítulo aborda o contexto histórico da origem, a resistência dos quilombolas, a questão racial, movimentos sociais, luta por políticas afirmativas, os direitos humanos e a inclusão por meio de políticas, sendo que essas ações refletiram na conquista e resistência dos estudantes remanescentes quilombolas ao se inserirem na educação superior.

2.1 História da origem e eventos de resistência

Para compreender os aspectos da identidade Quilombola, é necessário conhecer toda a história que constitui este povo, compreender os acontecimentos do passado. Para saber quem é esta comunidade Quilombola, que ainda resiste em conquistar o seu direito de vida, de terra, de educação, de ser visto como qualquer outro ser humano que não tem a pele cor ou escurecida merece ter.

O Brasil é marcado com histórias e culturas africanas, pois no período da escravidão que durou por 358 anos, muitos escravos foram trazidos da África para o Brasil, de maneira fria e cruel, no qual eram tratados como mercadoria, traficados para exercerem o trabalho de mão de obra na agricultura, principalmente na produção de cana-de-açúcar, mineração, trabalhos domésticos e outros, além das escravas servirem como objetos sexuais.

Diante do fator histórico brasileiro, isso reflete hoje na confusão de identidade das pessoas, no qual o país existe miscigenação de pessoas e culturas, onde os brasileiros acreditam ter uma relação maior com europeus do que dos afrodescendentes, devido ao tom mais claro da pele.

Conforme os estudos da Furtado,

Cerca de 40% dos africanos escravizados tiveram como destino o Brasil e atualmente 65% da população negra nas Américas é constituída por brasileiros. Os primeiros africanos chegaram ao Brasil em 1554 e foram, portanto, 316 anos de escravidão, o que marca os últimos séculos da história brasileira e representa 63% do tempo desde que os portugueses aqui chegaram até os dias de hoje (2013, p. 04).

De acordo com os dados atribuídos pela Furtado (2013), a maior parte da população brasileira é composta por pessoas negras, isso significa que, mesmo com presença dos povos Europeus em nosso país, há um número de pessoas negras que descendentes de Africanos, caracterizados como Afrodescendentes ou Remanescentes de escravos.

No período da escravidão, havia muitos castigos com os negros-escravos, pois aquele tentasse fugir, se recusa-se a trabalhar, ou não esforçasse o bastante para agradar os seus senhores, eram torturados e/ou mantidos em isolamento, sem água, sem comida. Havia até leis que apoiam esse comportamento no período colonial e imperial (FURTADO, 2013). Posto isto, o Estado do Tocantins,

Teve duas importantes rotas migratórias durante o período a escravidão negra. Uma estrada pela região sudeste, na busca de ouro: a rota do ouro; e outra pela região norte, na busca de pastos naturais para a criação de gado: a rota do gado (COEQTO, 2016, p. 04).

Aqueles escravos que conseguiram fugir, a fim de terem o seu próprio lugar, suas próprias regras, e viver a sua cultura sem nenhuma subordinação, opressão, formaram em distantes lugares os Quilombos, em que até hoje ainda existem quilombolas que resistem nesses lugares, bem como no município de Arraias/Tocantins, que tem 281 anos e é caracterizado por sertões de Quilombos em seu entorno, bem como Mimoso, Lagoa da Pedra e Lagoa dos Patos.

Furtado (2013), diz que a Lei Áurea de 13 de maio de 1888, estabeleceu a proibição da escravidão no Brasil, mas não se referiu aos direitos dos negros de serem incluídos na sociedade brasileira, que quilombo é uma prova de que existiu uma vasta violência vivenciados pelos negros, isso reflete também na formação identidade brasileira diante dos aspectos histórico-culturais. É possível perceber que em nossa sociedade existem pessoas que não reconhecem as pessoas negras como pessoas iguais de direitos, por consequência desse olhar preconceituoso, a população étnica vira vítima das desigualdades sociais.

Assim, “a questão territorial ao remeter os quilombolas a um passado de luta os faz reviver memórias e sentimentos relatados por seus antepassados e reafirma uma situação de instabilidade e injustiça comum desde o passado entre esses sujeitos” (FURTADO, 2013, p. 07).

De acordo com Furtado (2013), as terras dos quilombos representam história, resistência, daqueles que por longos períodos foram manipulados e que tentaram tirar deles as suas memórias, origens, liberdade, que hoje tentam manter essas características dos seus ancestrais.

E para compreender melhor quem são esses grupos étnicos raciais quilombolas é fundamental discutir as características dos quilombos de hoje. Sendo estes,

[...] considerados remanescentes de comunidades de quilombos se constituíram a partir de uma grande diversidade de processos, que incluem as fugas com ocupação de terras livres e geralmente isoladas, mas também as heranças, doações, recebimento de terras como pagamento de serviços prestados ao Estado, a simples permanência nas terras que ocupavam e cultivavam no interior das grandes propriedades, bem como a compra de terras, tanto durante a vigência do sistema escravocrata quanto após a sua extinção. (SCHMITT; TURATTI; CARVALHO, 2002, p. 03).

Conforme os referidos autores, os remanescentes quilombolas são aqueles que herdaram de seus antepassados um passado atormentado pelo sofrimento e tortura, que conquistaram sua liberdade, como também o direito ao pedaço de terra, sendo que hoje alguns permanecem em suas terras para preservar, plantar e cultivar dentro do seu território.

No entanto, a escravidão ainda se reflete na sociedade pois esta interfere na sociedade, na economia, cultura e história brasileira, porque muitos lutaram e ainda lutam para sobreviver, ainda permanecer os seus aspectos culturais e religiosos da cultura africana. Posto isso,

A existência de quilombos como espaço de convivência livre para os escravizados possibilitava o encontro com outros sujeitos que se encontravam na mesma condição e com raízes culturais próximas mesmo não sendo originariamente da mesma região da África, de onde vieram deportados pelos traficantes de escravos (FURTADO, 2013, p. 07).

Em concordância com a autora, as comunidades quilombolas de afrodescendentes, que mesmo durante anos ainda lutam por este espaço, pela sua cultura mista da África e do Brasil, em que estes podem ter vindo do mesmo lugar da África, mas que tem em comum os seus princípios de origem.

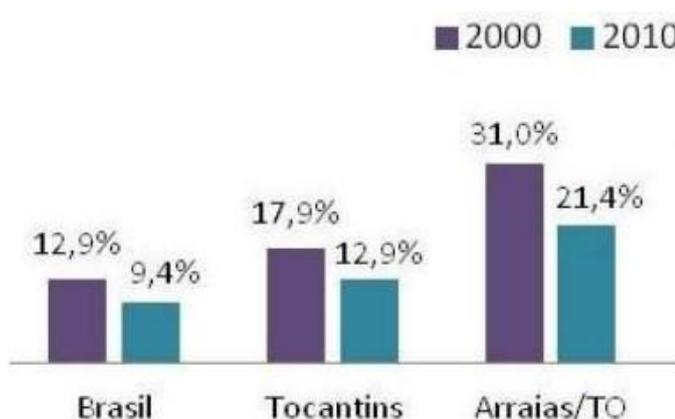
Este povo ainda existe e resiste a tantas opressões e manipulações de sua cultura, pois se a cultura afro-brasileira morrer, deixar de existir, a história Brasileira

também morre e a única história que vai existir é aquela que o manipulador quer, a versão da história do homem branco, em que ainda é visível nos livros didáticos, bem como a imagem do índio bravo e selvagem, do negro matuto e sem conhecimento.

Deste modo mesmo perante abolição da escravatura no Brasil, “a liberdade proclamada e enaltecida pela classe dominante branca e letrada não estendeu a essas populações condições para se investir na formação profissional, tampouco lhes garantiram o direito à educação emancipadora e à cidadania” (VALADÃO, 2018, p. 67). Segundo o autor, mesmo com a emancipação declarada pelos homens brancos de classes dirigentes, não houve para os “ex-escravos”, as oportunidades de uma formação profissional, nem tampouco políticas e meios em que garante seus direitos à educação libertadora.

Visto que de acordo com os dados apurados da pesquisa do IBGE (2016), a “taxa de analfabetismo da população com 15 anos ou mais de idade no Brasil caiu de 7,2% em 2016 para 7,0% em 2017, mas não alcançou o índice de 6,5% estipulado, ainda para 2015, pelo Plano Nacional de Educação (PNE).” E conforme os dados do Censo (2010), a taxa de analfabetismo no ano de 2010, no Brasil foi cerca 9,4%, no Estado do Tocantins apresentaram de 12,9% e no município de Arraias esteve com 21,4%.

Tabela 1. Demonstração da taxa de analfabetismo da população com 15 anos ou mais



Fonte: IBGE/Censo Demográfico (2010)

Analisando estes números e as características históricas da população brasileira, isso mostra que ainda existe uma população analfabeta, em que boa parte é de pessoas negras e que não têm acesso a escolarização, ao conhecimento

científico, ao ambiente formal. Aspectos históricos e políticos da exclusão da comunidade negra ainda persistem havendo poucas mudanças. O processo ainda é lento.

Refletindo sobre a história da formação brasileira, após a independência do país, ainda no período imperial, a educação foi imposta por intermédio da religiosidade cristã, alguns índios e quilombolas foram instruídos para ler a bíblia, para os seus senhores terem mais domínio sobre eles, com isso a educação formadora, alfabetização, compreensão de mundo, foi negada a esses povos, assim, o movimento negro luta por direito a educação, uma educação de qualidade, democrática que os fazem compreender as leis e lutarem pelos seus direitos.

2.2 Questão racial, movimentos sociais e luta por políticas afirmativas

Para compreender as conquistas de ingresso e permanência nas universidades públicas federais do Brasil, juntamente com a aprovação da política que garante vagas para estudantes quilombolas na UFT, é necessário analisar a história brasileira que foi muitas vezes distorcida nos livros de história e dando créditos aos europeus que roubaram o território que não lhes pertencia.

Como argumenta Petrônio Domingues (2007), o movimento negro teve organização nas lutas por direitos raciais por manifestações no Brasil, durante a República de 1889 até ano de 2000, sendo estes grupos pouco organizados, mas com objetivos comuns de defender a população negra.

Domingues (2007, p. 101-102), vê o movimento negro como:

A luta dos negros na perspectiva de resolver seus problemas na sociedade abrangente, em particular os provenientes dos preconceitos e das discriminações raciais, que os marginalizam no mercado de trabalho, no sistema educacional, político, social e cultural. Para o movimento negro, a “raça”, e, por conseguinte, a identidade racial, é utilizada não só como elemento de mobilização, mas também de mediação das reivindicações políticas. Em outras palavras, para o movimento negro, a “raça” é o fator determinante de organização dos negros em torno de um projeto comum de ação.

De acordo com Domingues (2007), se consideram como movimento negro todos os movimentos que lutam contra os efeitos da escravatura no país, do preconceito racial. Isto porque muitas vezes o negro é visto como um ser inferior, pois

é possível encontrar na sociedade negros sendo tratados como escravos, como seres ignorantes, sem cultura, sem conhecimento, sem capacidade, sem direitos. Por isso, o movimento negro surgiu como forma de manifestação social, educacional, cultural e política para romper com a discriminação da raça negra e buscar mudanças na sociedade.

Domingues (2007), relata que o movimento negro foi marcado por fases, sendo que a primeira fase é marcada pela República entre 1889-1937, que surgiu após a abolição da escravatura no Brasil. Esta fase está marcada pelo não favorecimento do negro, pois existia na sociedade a teoria do branqueamento, em que davam oportunidades de emprego para os imigrantes da Europa.

Com isso, houve então a criação de vários grupos sociais criados pelos escravos libertos e seus descendentes. Inicialmente começaram a surgir no Estado de São Paulo em 1902, Rio de Janeiro em 1914, Rio Grande do Sul em 1891, e em Santa Catarina em 1918. Só no Estado de São Paulo em 1937, já havia cerca de 123 associações negras, houve também as imprensas que partiam de um jornal que faziam publicações sobre as associações e manifestações dos negros daquela época (DOMINGUES, 2007).

Estes jornais favoreciam a população negra, pelo contrário, massacravam as opiniões dos negros, os impedindo de frequentar alguns lugares públicos, tais como relata Domingues (2007). “Esses jornais enfocavam as mais diversas mazelas que afetavam a população negra no âmbito do trabalho, da habitação, da educação e da saúde, tornando-se uma tribuna privilegiada para se pensar em soluções concretas para o problema do racismo na sociedade brasileira” (DOMINGUES, 2007, p. 105).

Na primeira metade do século XX, a Frente Negra Brasileira (FNB), foi considerada a associação mais importante do país, pois transformou o Movimento Negro Brasileiro em movimento de massa, pois a maior parte desse movimento era de mulheres negras, sendo que as mulheres ainda não eram tratadas como os homens na sociedade com mérito social.

A segunda fase do Movimento Negro foi da segunda República (1945) até a ditadura militar (1964). Este período está marcado com “violenta repressão política”, mas veio surgir a União dos Homens de Cor (UHC), consolidada pelo João Cabral Alves em 1943, em Porto Alegre, que tinham perspectivas de capacitar as pessoas negras para ingressarem na vida social de suas atividades.

Em 1940, a UHC possuiu representantes distribuídos em “10 Estados da Federação (Minas Gerais, Santa Catarina, Bahia, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Sul, São Paulo, Espírito Santo, Piauí e Paraná)” (DOMINGUES, 2007, p. 108). Estes mantinham um debate, jornais próprios em busca de serviços sociais que incluíam a população negra.

Em 1944, houve a criação do Teatro Experimental do Negro (TEN) que oferecia:

[...] curso de alfabetização, de corte e costura; fundou o Instituto Nacional do Negro, o Museu do Negro; organizou o I Congresso do Negro Brasileiro; promoveu a eleição da Rainha da Mulata e da Boneca de Pixe; tempo depois, realizou o concurso de artes plásticas que teve como tema Cristo Negro, com repercussão na opinião pública [...] (DOMINGUES, 2007, p.109).

Com a chegada da ditadura militar no país em 1964, houve uma inatividade dos grupos de movimentos sociais, especialmente o TEN, que ficou desfalecido pois os movimentos negros da população com cor, não tiveram apoio das forças políticas, assim “o movimento negro ficou praticamente abandonado por décadas, inclusive pelos setores políticos mais progressistas” (DOMINGUES, 2007, p.111).

A terceira fase do Movimento Negro que aconteceu com na República Nova entre 1978 até 2000 foi marcada com algumas manifestações ainda tímidas, pois ainda estavam sob efeitos da repressão da ditadura militar. Segundo Domingues (2007), mesmo em 1972 estudantes e artistas daquelas épocas fizeram algumas manifestações por meio das publicações em jornais. Em 1971 já havia surgido o Grupo Palmares que substituíram o dia 13 de maio para 20 de novembro a comemoração da Consciência negra no país.

Em 1978, houve a criação da fundação do Movimento Negro Unificado ¹(MNU), como cena política do movimento negro estruturado. Protestos com “lideranças como Martin Luther King, Malcon X e organizações negras marxistas, como os Panteras Negras²” (DOMINGUES, 2007, p.112), contribuíram com o MNU contra o preconceito racial no país.

¹ Movimento Negro Unificado (MNU), que contribuiu para a Resistência e luta pelo fim da agenda da discriminação racial no país. O MNU ajudou a formular os requisitos do movimento negro para a Convenção Constitucional de 1988, que resultou na constituição cívica.

² “Os Panteras Negras eram a mais literalmente “fanonista” dentre as organizações de base negra dos EUA, vinculação que foi pouco destacada pelos próprios autores. Isto significava uma aposta no programa de luta armada exposto em Os condenados da terra (FANON,1961), em que se apelava à violência como força liberadora pessoal e militar do domínio colonial.” (CHAVES, 2015, p. 362).

Os militantes negros acreditavam que o capitalismo alimentava a questão do racismo, isso porque a concorrência aumentava, e a população negra ainda era marginalizada pela sociedade. Com isso os negros se movimentavam pela luta contra o racismo e a exploração do trabalhador, enfrentavam ideologias políticas a fim de defender a inclusão da História da África e do Negro no Brasil nos currículos escolares.

O Movimento Negro Unificado foi de grande importância para o país, pois este buscou estratégias que realmente promovesse mudanças sociais, com defesa do antirracismo no país perante o homem de cor, o movimento também viu a necessidade de haver mudanças no âmbito educacional, pois nos livros ainda existia a história manipuladora dos europeus, que modificavam a verdadeira identidade Brasileira.

O outro Movimento que contribuiu para a adesão de políticas de ação afirmativas dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que é um movimento que trouxe contribuições por meio da luta reforma agrária, permanência do agricultor rural e pela educação no campo, que conduziu pela educação voltada para a realidade para sujeitos, com disciplinas que valoriza a cultura, tradições e outros.

Por intermédio de grandes protestos do movimento negro vem havendo um diálogo amplo no país que abona a discriminação racial. O percurso deste movimento vem se formando por meio da reconstrução memorial da história da sociedade brasileira e vem transformando com estratégias de luta a favor da inserção do negro e aniquilação do racismo no país.

Após compreender a história do Movimento Negro no Brasil, é importante ressaltar que ele se faz presente nos momentos atuais, com manifestações na política educacional. Isto porque, ainda é presente na sociedade brasileira o fracasso da qualidade do ensino, principalmente a falta de assistência para as escolas de zonas rurais e de comunidades étnico raciais, como quilombolas e indígenas.

2.3 Direitos humanos e inclusão por meio de políticas educacionais e ações afirmativas

Os direitos humanos são uma básica virtude que assegura aos cidadãos brasileiros direitos, não importando a classe social, nacionalidade, cultura, raça,

gênero, orientação sexual, pois eles têm o direito de liberdade de expressão, igualdade, respeito e inclusão.

Sendo assim, ações como, manifestos, debates, assembleias, reuniões e outros aconteceram durante longos anos, no qual, como resultado da luta dos negros, as ações afirmativas foram construídas e ganhou força por meio a Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003,

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras (BRASIL, 2003).

Desta Lei resultou mais tarde a aprovação da Lei nº 12.711 de 29 de agosto de 2012, com programas de cotas em universidades públicas para estudantes pretos, pardos e pobres. Esta política é uma das políticas públicas voltadas para a educação, que tem objetivos de garantir o bem-estar e a cidadania para todos ampliando assim a igualdade e oportunidades de inclusão social.

Mas antes de aprofundar nas ações afirmativas da educação superior, que permeiam na inclusão e permanência de jovens de baixa renda e pertencentes aos grupos étnicos em universidades públicas e federais, é preciso conhecer e compreender as leis que garantem direitos à resistência dos quilombolas. Isto porque a legislação brasileira, declara direitos às comunidades quilombolas diante aos seus territórios, políticas públicas e diferentes manifestações culturais e religiosas.

Tais leis são, Art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias na Constituição Federal; Arts. 215 e 216 da Constituição Federal; Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003; Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007; Instrução Normativa nº 57 do INCRA, de 20 de Outubro de 2009; Decreto nº 6.261, de 20 de novembro de 2007; Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003; Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012, do Ministério da Educação; Portaria nº 389, de 9 de maio de 2013, Ministério da Educação; Lei 12.960 de 27 de março de 2014; Artigo 82 da Lei nº 13.043, de novembro de 2014, da Casa Civil e – Lei nº 12.651 de 25 de maio de 2012,

Decreto nº 7.830 de 17 de outubro de 2012, da Casa Civil Instrução Normativa nº 02 de 05 de maio de 2014, do Ministério do Meio Ambiente.

Vale destacar o Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003, e a Instrução Normativa nº 57 do INCRA, que identificam, demarcam e titulam terras ocupadas por remanescentes das comunidades quilombolas, que são ameaçados por desapropriação de terras pela Ação Direta de Inconstitucionalidades nº 3.239 em 2015, com discurso de que as terras são particulares e pertencentes a grandes fazendeiros. Outro discurso violento contra as comunidades de etnia indígena foi a PEC 2015, que ainda está sob votação de será aprovado ou não a demarcação de territórios indígenas.

Diante desses apontamentos, é visível a grandes lutas dos grupos étnicos raciais da população brasileira, sendo que, ainda há perseguição desses povos tradicionais, no qual, muitos fazendeiros e agricultores que já tem ampla apropriação de terras querem tirar dos remanescentes quilombolas os direitos de moradia, de terra, de história, de luta, cultura, princípios e valores. Isso mostra que, o indígena e quilombola correm risco, porque a sociedade sofre da opressão da elite, constitui-se de uma sociedade branca que impõe grandes extensões de plantações como milho, soja, que de certa forma trazem mais prejuízo do que benefícios para os planeta e seres humanos.

Dessa maneira, pode-se perceber que, apesar de relativamente recentes, existem leis que protegem esses povos, mas, que a todo momento é necessário a união de todos para garantir que os direitos e as leis passem acontecer na prática.

Dessa forma, a Coordenação Estadual das Comunidades Quilombolas do Tocantins (COEQTO) e Alternativas para Pequenas Agricultura no Tocantins (APA-TO), são algumas das diversas organizações tocantinenses que buscam defender os direitos e interesses das comunidades remanescentes do Estado do Tocantins. Elas se manifestam por meio do Movimento Quilombola e lutam para garantir os direitos territoriais e interesses das comunidades remanescentes de quilombolas do Estado do Tocantins.

Indígenas e Quilombolas também tem o direito a educação, pois segundo a Lei Federal do Brasil nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003, estabelece a inclusão do incluir currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. Já a Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012, do Ministério da Educação, define que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar

Quilombola na Educação Básica devem estar baseadas está na memória coletiva, nas línguas reminiscentes, nos marcos civilizatórios, nas práticas culturais, nas tecnologias, formas de produção de trabalho, nos festejos, tradições e outros.

Aos estudantes de graduação, a Portaria nº 389, de 9 de maio de 2013, do Ministério da Educação, criou o Programa Bolsa Permanência, que é o auxílio financeiro que tem por finalidade minimizar as desigualdades sociais, étnico-raciais e contribuir para a permanência e diplomação dos estudantes de graduação em situação de vulnerabilidade socioeconômica. E a Resolução do Conselho Universitário (CONSUNI) Nº 14/2013, dispõe sobre a implantação do sistema de cotas para os quilombolas em todos os cursos de graduação da Universidade Federal do Tocantins.

Houve muita luta do negro em ter seu reconhecimento e direito garantidos pelo Estado, no qual, isso remete um próprio atraso da Institucionais das públicas brasileira, pois, segundo alguns estudos, foi somente em 2003, que a primeira instituição brasileira UERJ, aderiu ao sistema de cotas como ações afirmativas (JUNIOR, 2014). Assim, as ações afirmativas foram apenas o mínimo que o Estado fez pelos negros deste país.

No entanto, as ações afirmativas vêm como uma melhoria para aqueles que se sentem excluídos de alguma forma na sociedade tentando corrigir a desigualdade que acontece há anos.

Posto isto, Mendes e Lima (2016), argumentam que, as políticas de ação afirmativa das universidades públicas são de grande valia para as conquistas daqueles que são discriminados. As cotas são um meio emergencial para proporcionar aos negros um melhor acesso às universidades públicas, um lugar que esses brasileiros não poderiam ter imaginado antes.

Moehlecke (2000), complementa dizendo que, a ação afirmativa está relacionada a uma sociedade democrática com os princípios da igualdade e dos valores individuais. Sendo uma, melhora para uma sociedade desigual, tentando comprovar e equilibrar essas diferenças e restaurar essa igualdade, por isso é temporária.

As políticas e ações afirmativas tem o intuito de trabalhar a política de inclusão social de grupos históricos tentando combater à desigualdade, em que as cotas vem para facilitar o acesso dos quilombolas às universidades. Como sabemos essas pessoas fazem parte de um grupo histórico de resistência.

É notório perceber que as discriminações existiam entre essas pessoas desse grupo e as cotas foram de suma importância para os negros adentrarem na universidade pública. Mas isso não foi suficiente para que elas permanecessem e concluíssem suas formações. É ainda visível escolas de educação básica do país que ainda tem o modelo multisseriado³ com professores que mal tem a graduação de licenciados. Também a ausência de materiais didáticos, auxílio financeiro, assistência tecnológica, gestores, merendeiros, transportes escolares, entre outros.

Sendo assim, os dados mais recentes do censo escolar (INEP, 2020) revelam que 83,2% dos professores que atuam no ensino fundamental do 1º ao 9º ano possuem o superior completo com licenciatura. Do 1º ao 5º ano representam 80,1% que possuem licenciatura, 4,1% são tem bacharelado e 10,6% têm magistério em nível médio. Em comparação com o ano de 2015, houve um aumento de 6 pontos percentuais. Isso revela que a educação básica, aos poucos vem cumprindo com a “meta 15 do Plano Nacional de Educação que prevê que todos os professores da educação básica tenham formação específica para a área de conhecimento em que atuam até 2024” (BRASIL, 2021).

Este tipo de estrutura favorece a má qualidade educacional destes estudantes, que sonham em adentrar em uma universidade para trazer melhorias de vida e melhorias de suas comunidades.

Conforme os dados levantados pelo Relatório de Gestão do Programa Brasil Quilombola (2012), encontram-se no Brasil 2.928 matrículas em escolas nas Comunidades Quilombolas, com 138 professores distribuídos em 30 escolas. O Tocantins não recebeu nenhuma ação para dar continuidade à formação de professores quilombolas. Visto isto, a má qualidade na educação pública, que reflete também no processo de inclusão dos estudantes nas universidades públicas brasileiras

Outros fatores destacados pelo Relatório de Gestão do Programa Brasil Quilombola (2012), que “80 mil famílias quilombolas estão cadastradas no CADÚnico do Governo Federal” e 74,73% destas famílias quilombolas vivem em situação de pobreza, mesmo diante de 82,2% desenvolvam atividades agrícolas”.

³ O modelo multisseriado é composto por alunos com distorção de idade, de diferentes séries e um único professor, que planejam e aplicam diferentes conteúdos pedagógicos em um único espaço e que ainda existem na prática docente das escolas rurais.

O Movimento Negro Unificado e Movimento dos Sem-terra, entre outros, contribuíram para a adesão de políticas de ação afirmativas, assim como ocorreu em 2012.

No ano de 2012, teve aprovação da Lei nº 12.711/12 que prevê:

Art. 3º Em cada instituição federal de ensino superior, as vagas de que trata o art. 1º desta Lei serão preenchidas, por curso e turno, por autodeclarados pretos, pardos e indígenas e por pessoas com deficiência, nos termos da legislação, em proporção ao total de vagas no mínimo igual à proporção respectiva de pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência na população da unidade da Federação onde está instalada a instituição, segundo o último censo da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (BRASIL, 2012).

Essa lei assegura que as universidades públicas federais do país deverão ofertar no mínimo a metade das vagas com ações afirmativas, tais como pessoas de classe baixa, negros, pardos, que estudou integralmente em escola pública, deficientes e indígenas tivessem acesso à universidade.

3 HISTÓRIA DAS POLÍTICAS INSTITUCIONAIS DA UFT PARA INCLUSÃO E PERMANÊNCIA DE QUILOMBOLAS

Este capítulo, traz um contexto histórico das políticas institucionais da Universidade Federal do Tocantins, especificamente do Campus de Arraias.

3.1 Universidade Federal localizada da região do Sudeste do Tocantins e Nordeste Goiano

A Universidade Federal do Tocantins no campus de Arraias, tem como o principal objetivo de oferecer uma educação emancipatória, voltada para a população negra, pois por muito tempo foi negada a educação para os quilombolas, uma educação livre de opressão.

A realidade na qual se insere precisa ser sempre levada em consideração, principalmente investigando a sua constituição, bem como entendendo os movimentos praticados por diferentes sujeitos em diferentes contextos e os desdobramentos que o passado traz para a constituição do presente (VALADÃO, 2018, p. 65).

De acordo com Valadão (2018), a universidade precisa pensar em um ensino livre e emancipatório que atende às necessidades e características culturais da região, a instituição pública precisa prezar e valorizar os princípios culturais, sociais, políticos, que esses sujeitos quilombolas.

A universidade além de oferecer a oportunidade para formar sujeitos, surge também para conceder direitos, pois na sociedade encontram marcas da escravidão, exclusão racial, social, sendo que a instituição pública vem para libertar os sujeitos e seus pensamentos, tornando pessoas críticas por meio da educação superior, no qual essas pessoas vão poder fazer escolhas, se unir para lutar pelos seus direitos, transformar a realidade social e entre outros.

Por muitos anos, o país passou por diferentes momentos que marcaram a predominância da elite no poder, classificados como empoderamento social, em que os mais fortes tinham poder sobre os mais fracos ou menos favorecidos reproduzido pelos sistemas educativos. “Formação esta que não valorizava saberes tradicionais

regionalizados ou não, potencializando, dentre outras formas, os incluídos a se distanciarem ainda mais dos apartados” (VALADÃO, 2018, p. 66).

Assim, a educação não era acessível para todos e não era pensada para libertados os oprimidos, a valorização dos princípios culturais tradicionais não acontecia, no qual, a tal prática levava ao afastamento da classe trabalhadora que não tinha o direito de aprender.

A Universidade Federal do Tocantins no campus de Arraias surge na região, com a perspectiva Histórica, Social e Cultural, que conduz os aspectos da identidade quilombola, das comunidades que residem na região, bem como corrige os “equivocos ideológicos impostos pela classe dominante por meio dos seus instrumentos” (VALADÃO, 2018, p. 68).

Posto isso, a universidade precisar conhecer o percurso histórico da vida dos estudantes negros para compreender a presente realidade destes sujeitos, assim a instituição tem o dever de estudar a história da África e da cultura afro-brasileira. Direitos conquistados pelas lutas sociais e tornam-se trabalho essencial e significativo, em prol de melhorias da práxis pedagógica. Dessa maneira, “Ignorar essa historicidade resulta no enfraquecimento do poder dessas narrativas para a emancipação de uma população subjetivada.” (VALADÃO, 2018, p. 75).

Em concordância com o autor, mascarar ou excluir os movimentos de luta e a história dos negros, conseqüentemente vai resultar no desaparecimento da voz do negro, de suas políticas e direitos na sociedade. A implantação da instituição federal tem gerado pesquisas, publicações e incentivos a novos pesquisadores, criando elementos que permitirão às pessoas entenderem a luta desse grupo de pessoas.

Vale ressaltar que a universidade veio para emancipar as pessoas, desenvolver o trabalho de ensino, pesquisa e extensão, e divulgação das pesquisas científicas. “Em Arraias e região há de se destacar a conformidade com os dados nacionais, que registram as mulheres negras como sendo as mais vulneráveis à violência.” (VALADÃO, 2018, p. 80).

Conforme menciona o autor, é necessário mais estudo e pesquisas voltadas para investigação/dados de violências contra as mulheres negras no município de Arraias e região, por devido o histórico de violências cometidos no período de escravidão contra essas mulheres, no qual, atualmente ainda aparecem relatos de meninas que saem de suas casas (comunidade ou campo), vão para a cidade afim de

trabalhar e estudar, ficam na casa de seus senhores, cuidadores, abusadores e aparecem grávidas por consequência dos abusos sexuais.

Grada Kilomba (2019), um exemplo de mulher negra, que vivenciou inúmeros episódios de racismo no espaço universitário na cidade de Lisboa e Berlin, principalmente quando ela foi escrever a sua tese de doutorado. Kilomba (2019), escreve o livro “Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano” em que ela conta que a identidade do negro é construída pelo outro, que é o “mundo conceitual branco”, no qual o negro é comparado a algo “ruim”, sendo que, a sexualidade e a violência são “evidenciadas” como postura adotada pelos negros.

Como acadêmica, por exemplo, é comum dizerem que meu trabalho acerca do racismo cotidiano é muito interessante, porém não muito científico. Tal observação ilustra a ordem colonial na qual intelectuais negras/os residem: Você tem uma perspectiva demasiado subjetiva”, “muito pessoal”; “muito emocional”; “muito específica”; “Esses são fatos objetivos?”. Tais comentários funcionam como uma máscara que silencia nossas vozes assim que falamos. Eles permitem que o sujeito branco posicione nossos discursos de volta nas margens, como conhecimento desviante, enquanto seus discursos se conservam no centro, como a norma. Quando elas/eles falam é científico, quando nós falamos é acientífico (KILOMBA, 2015, p. 51-52).

Kilomba (20019), destaca relatos de duas mulheres negras, que discorre sobre o racismo cotidiano, com abordagem social e crítica analítica, a forma que a sociedade olha para mulher negra a deixa constrangida, pois a questão de ser negro está associado a sua existência.

Kilomba (2019), traz o discurso da força racial, no qual a Anastácia, uma imagem de uma mulher escravizada, foi punida com uma máscara e impedida de falar. Podemos entender o quanto o silenciamento está relativo a herança colonial, mas que também, não basta só falar, é preciso ter alguém disposto a ouvir.

A inserção da Universidade Pública na região de Arraias, trouxe diversos benefícios,

A Educação Superior neste cenário traz muitos elementos, inclusive de ser um território de inclusão social e espaço de formação integral dos jovens. Sem a possibilidade de continuidade dos estudos, até mesmo o Ensino Fundamental e Médio perdem a força. Logo, a presença da universidade na região oxigena e abre a perspectiva de continuidade de formação dos jovens. (VALADÃO, 2018, p. 82).

Segundo Valadão (2018), com a educação superior na região, tornou-se possível a inclusão social e um espaço para que os jovens logo saem do ensino médio e adentram na instituição, possibilitando a continuidade da formação dos sujeitos ao

ingressarem na educação superior pública, transformando-se em oportunidades de adquirir mais conhecimentos.

Magda Suely Costa que por anos atuou na UFT do Campus de Arraias diz que “a universidade é o orgulho da cidade” pois segundo a autora, a universidade desenvolve projetos de ensino, pesquisa e extensão, com e para à comunidade, investe nos conhecimentos dos estudantes e da sociedade, em busca da liberdade desta população (COSTA, 2008, p. 121). Esta instituição federal do Campus de Arraias é a única no país que se encontra em uma cidade de interior com quase 11 mil habitantes. (IBGE, 2020).

Assim, a universidade tem a capacidade de acolher diferentes sujeitos,

[...] apontada como espaço de inclusão social, por estar em um ambiente que preza pela coletividade, pela celebração da vida nas mais diversas manifestações religiosas e culturais. Arraias e muitas cidades que compõem o campo de ação da Universidade Federal do Tocantins ainda possuem tradições muito ricas [...]. (VALADÃO, 2018, p. 125).

De acordo com Valadão (2018), a Universidade do Campus de Arraias foi designada como um espaço socialmente inclusivo, que valoriza a comunidade e suas expressões religiosas, sociais, culturais.

3.2 UFT de Arraias e movimentos sociais locais

Na região pouco tem avançado em organização social, capaz de mobilizar a população e vencer as dificuldades históricas de exclusão, empobrecimento, desemprego e subemprego constatado nessa região, perspectivas que atingem a maior parte da população afrodescendente. Nesse sentido, perceber na universidade um espaço de inclusão social poderá ser um bom sinal para mobilizar as ações dos sujeitos rumo a inserir a universidade na vida e nos problemas vivenciados pela comunidade, a fim de buscar meios e ferramentas de superação. (VALADÃO, 2018, p. 125).

Dessa forma, entende-se que a Universidade Federal nos faz pensar que ela não é somente Ensino e/ou Pesquisa, mas também Extensão, por estar conectada a todo momento ao mundo real, dar valor a cultura local, estar interligada aos problemas sociais, é importante, transforma, realiza sonhos e principalmente constrói conhecimento. Se os negros quilombolas passaram por muitos anos sem ter acesso

ao conhecimento científico, atualmente a instituição dá a oportunidade de entrar no mundo do conhecimento, para criar diferentes concepções e buscar aquilo que é digno.

O papel da Universidade segundo a descoberta de Valadão (2018), é de desenvolver o pensamento político, onde o campus da UFT Arraias há amplo espaço de discussão política, pois “em Arraias, o Movimento Ocupa é considerado por muitos estudantes como um marco na organização e mobilização dos estudantes” (VALADÃO, 2018, p. 133). Assim, diante deste micro movimento criado e desenvolvido pelos dos próprios estudantes e da participação de professores.

No ano de 2016, como destaca nos noticiários do site G1 Tocantins, os estudantes do Campus de Arraias, protestaram contra os problemas locais bem como a “PEC que estabelece um limite de gastos públicos para os próximos 20 anos, além da reforma do Ensino Médio” (G1 TOCANTINS, 2016). No qual, o Movimento Ocupa teve início nos outros Campus como Araguaína, Tocantinópolis, Porto Nacional e Miracema, então devido aos outros Campus protestarem que o Movimento Ocupa passou a enxergar e se manifestar no Campus de Arraias.

Valadão (2018), comenta que nem todas os docentes apoiaram a luta destes estudantes, sendo que alguns agendou aulas externas, apresentando dessa forma, um descaso diante ao apelo dos acadêmicos.

Diante, a entrevista que Valadão (2018), realizou com ex-estudantes que participaram do movimento, entre eles Tamires do curso de Pedagogia e Jeferson do curso de Matemática, descreveram que o Movimento Ocupa, foi uma possibilidade dos estudantes tiveram uma formação política, entender a função do aluno na universidade, que os estudantes precisam ter voz e vez para tomadas de decisão, empoderar, amadurecer, fortalecer a luta dos direitos por meio de políticas, bem como a casa dos estudantes, melhorias na educação, e contra a instituição torna-se privada.

O Movimento Ocupa foi tão significativo para os estudantes que organizou e criou o Movimento Encrespa Arraias, no ano de 2017, que teve como objetivo de emancipação, autoconhecimento, aceitação e valorização as características da cultura negra, sendo que houve oficinas, seminários, palestras, desfiles e outros, sendo este inspirado no projeto que já acontecia no Campus de Miracema.

O Movimento Encrespa também tinha o objetivo de “resgatar a memória e a luta dos povos africanos no Brasil” e a valorização cabelos crespos, possibilitando “a construção social, cultural, política e ideológica”. Além, de romper com a ideia

ideológica de modelo ideal de cabelo e o negro passando a se auto reconhecer, aceitar e compreender a cultura negra (PORTAL UFT, 2016).

A universidade não tinha uma formação política, bem como tinha os outros Campus, conforme foi chegando estudantes de outros lugares, com os eventos institucionais, os acadêmicos dos Campus de Arraias passaram a vê as políticas estudantis/afirmativas de outra forma, a ter a coragem de buscar mais conhecimento, enfrentar os desafios e protestar pelos seus direitos.

Somos levados ao ritmo frenético do fazer pedagógico, gastando pouco tempo de reflexão sobre o sentido do que está sendo feito. Principalmente porque pouco se reflete sobre os pressupostos epistemológicos das nossas disciplinas, que muitas vezes são fragmentadas e descontextualizadas da realidade dos nossos estudantes (VALADÃO, 2018, p.136).

A Universidade é um ambiente de reflexão, transformação, construção do conhecimento é o Letramento da visão de mundo, renovação do pensamento, é adquirir postura crítica, fugir da cegueira, fazer que o conhecimento seja significativo, diante do contexto social em que o sujeito está inserido.

3.3 Políticas de permanência e ensino da UFT do Campus de Arraias

O país reconhece escravidão como lacuna com consequências pela ordem atual, especialmente aqueles que defendem a democracia, mostrando o quanto precisamos promover políticas afirmativas com base na demanda medidas estruturais que podem mudar a estrutura da sociedade desigual.

Assim, diante da implementação das políticas afirmativas na UFT, Sousa; Santos (2018, p. 04) “compreende a partir de todos esses apontamentos seria que o Tocantins, um Estado que possui em sua base social uma herança escravista, a partir do momento em que reivindica sua autonomia política, reivindica também os direitos fundamentais de seu povo”.

Dessa forma, que a implementação do sistema de Cotas Raciais na Universidade Federal do Tocantins que aconteceu a partir do ano de 2014, pretende “reduzir uma histórica seletividade social imposta aos negros e aos mais vulneráveis economicamente [...]” (SOUSA; SANTOS, 2018, p.14). Fato que provoca reflexões a

respeito de uma significativa democratização, quanto ao acesso e permanência da Educação Superior Federal.

Diante dos benefícios e estratégias de acesso e permanência destes estudantes nas universidades públicas, para Sousa; Santos (2018, p. 15),

[...] a responsabilidade de acompanhar esses beneficiários para que obtenham sucesso em sua trajetória, e isto pode ser efetivado em posteriores avaliações do programa na instituição, de maneira a criar projetos que busquem andar lado a lado com os que precisam de suporte nos níveis pedagógico, social e econômico.

Em concordância com as autoras, no país e especialmente no Estado do Tocantins, deveria haver mais discussões para aumentar o número de vagas os estudantes descendentes raciais, com a ampliação dos benefícios e assistências desses estudantes, sendo que muitos além de refletir o fracasso da educação básica enfrentam dificuldades durante sua trajetória na educação superior e que é visível a evasão escolar destes alunos, pois mesmo diante da assistência da Bolsa Permanência MEC Quilombola⁴, não garante a sua permanência destes estudantes na instituição.

No entanto, toda e qualquer universidade brasileira, precisa promover uma ampla discussão e ação política dentro e fora da instituição, sendo uma parceria com estudantes, docentes, comunidade, ouvir os anseios e dificuldades dos estudantes, mesmo sendo eles negros vítimas do desequilíbrio social, preconceito racial, fracasso escolar. Compreender que o estudante precisa de conhecimento, alimento, moradia, apoio psicológico, espaço democrático, ensino de qualidade, auxílio financeiro e entre outros para garantir seu acesso e permanência na instituição.

A universidade é um espaço de construir o conhecimento, transformar a realidade, pois a instituição tem essa autonomia, para construir políticas capazes de fazer unir as pessoas, os seus interesses em prol da mudança, da credibilidade eliminação e/ou diminuição das desigualdades sociais.

⁴ Bolsa Permanência MEC Quilombola trata-se de uma política pública destinada a prestar assistência financeira a alunos matriculados em instituições federais de ensino superior, principalmente quilombolas, indígenas e alunos em situação de desvantagem socioeconômica, promovendo a permanência e elegibilidade dos beneficiários. Esse recurso é pago diretamente aos graduandos por meio de um cartão previdenciário. Atualmente, o valor para alunos indígenas e quilombolas é de R\$ 900,00 e para demais alunos R\$ 400,00.

Para compreender as políticas de acesso e permanência da Universidade Federal do Tocantins do Campus de Arraias, a tese de doutorado de Valadão (2018), nos contribui para compreender o processo destes estudantes, em que depois de alguns anos após a implementação da instituição federal na região, os estudantes passaram a perceber a importância de lutar pela democracia em prol de seus direitos enquanto cidadãos.

Conforme já foi apresentado nas seções anteriores, a universidade do Campus de Arraias, tem uma característica predominante de pessoas negras de cultura quilombola, em que por muitos anos estas foram torturadas pela desigualdade social e racial, no qual, eram tratadas como sujeitos sem capacidade de adquirir e construir conhecimento.

Posto isso, Valadão (2018), fez um estudo científico, a fim de analisar e refletir sobre os impactos da universidade na comunidade, o que ela representa para a comunidade e o momento em que os estudantes começaram a se preocupar com a passividade da instituição.

Assim, Valadão (2018), utilizou um questionário com os estudantes do curso de Pedagogia, Matemática, Turismo Patrimonial e Socioambiental e Artes Visuais, do Campus da UFT de Arraias, no qual percebeu que as palavras mais apareceram e destacaram foram Conhecimento, Oportunidade, Aprendizagem, Formação Profissional, Inclusão Social, Futuro e Realizar Sonhos.

Dessa maneira, é visível a importância da instituição na vida de cada sujeito social, pois esta tem a capacidade de oferecer conhecimento sobre o mundo, realizar sonhos de muitos, incluir pessoas no mercado de trabalho, emancipar mentes e ser um espaço de conceder mecanismos para transformar e melhorar a vida de muitos Arraianos.

4 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA: CAMPO, MÉTODOS E FERRAMENTAS

4.1 Tipos de pesquisa

A pesquisa foi realizada entre o ano de 2021, no qual, utilizei os seguintes instrumentos: pesquisa bibliográfica, documental, de campo, observação, entrevistas/questionários com perguntas abertas e fechadas, com abordagem qualitativa. A fim de conhecer e refletir sobre as dificuldades enfrentadas por estes estudantes quilombolas, diante da sua entrada na universidade e, sobretudo, sua permanência e conclusão da graduação da Universidade Federal do Tocantins-Arraias.

A pesquisa em si teve o intuito de colher dados de estudantes, professores e técnicos administrativos da instituição, para buscar melhor compreensão e esclarecimento sobre as políticas de acesso e permanência desses estudantes quilombolas. O trabalho tem característica qualitativa, pois,

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. Assim, os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permiti que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa (GOLDENBERG, 1997, p. 34)

Segundo Goldenberg (1997), a pesquisa qualitativa representa uma compreensão mais aprofundada sobre um grupo social, onde busca incluir uma metodologia própria com um modelo único de pesquisa. Assim, o nosso objetivo é compreender os desafios dos estudantes quilombolas durante o seu ingresso na universidade pública.

Dessa maneira, para entender as conquistas do acesso e permanência desses estudantes foi feito um estudo bibliográfico, onde foi utilizado pesquisas em artigos periódicos, teses de doutorados, livros, revistas e entre outros.

Conforme Fonseca (2002), a pesquisa bibliográfica visa no seu processo destacar e abordar situações e referências mediante a um assunto, aprofundar no

tema, buscar teóricos que já argumentam, dão sustentabilidades verídicas, reais e relevantes para a construção do nosso trabalho.

Com isso, neste trabalho, discute sobre as políticas públicas, batalhas e direitos dos negros, movimentos sociais dos negros, as lutas dos estudantes por meio do movimento estudantil, que todas essas manifestações surgiram as ações afirmativas e permitem o acesso e permanências dos estudantes, incluindo indígenas e quilombolas.

Já a pesquisa documental, é parecida com a pesquisa bibliográfica, porém, a mesma não tem a reflexão de quais quer autor, pois quem fará a análise minuciosa será o pesquisador/investigador. No entanto, compreendemos que a pesquisa “documental caracteriza-se pela busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico, como relatórios, reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes, gravações, fotografias, entre outras matérias de divulgação” (OLIVEIRA, 2007, p. 69). Dessa forma, neste trabalho analisamos as diferentes leis e documentos que regem as políticas para os negros em nosso país.

A pesquisa de campo, também traz contribuições para o nosso estudo, pois o investigador vai até o local da pesquisa, investiga de perto, por meio da aplicação de questionários, entrevistas abertas e/ou fechadas e observações.

Para Fonseca (2002), a pesquisa de campo serve para o investigador colher dados das pessoas. Esta pesquisa vai muito além da pesquisa bibliográfica e documental, porque o pesquisador tem contato com o objeto de estudo e dentro deste trabalho a intenção é chegar até a universidade, realizar as entrevistas, questionários e buscar dados de estudantes, docentes e técnicos administrativos da UFT do Campus de Arraias.

4.2 Sujeitos e colaboradores

Este estudo tem como objetivo analisar por meio da coleta de dados, as dificuldades enfrentadas pelos estudantes quilombolas da Universidade Federal do Tocantins do Campus de Arraias. A nossa perspectiva é coletar dados de estudantes quilombolas que estudam na UFT, estes serão representados como Q.1, Q.2, Q.3, Q.4, Q.5, Q.6, Q.7, Q.8, Q.9, Q.10, Q.11, Q.12, Q.13, Q.14, Q.15.

4.3 Procedimentos e instrumentos

Como forma de coleta de dados dos participantes e colaboradores deste estudo, serão utilizados um questionário online com perguntas abertas. O motivo a qual o questionário ser online, será devido a pandemia resultante da doença Covid-19, já que desde 2020 estamos orientados a manter distanciamento social para minimizar a propagação o vírus que está matando inúmeras pessoas.

5 RELATOS E REALIDADES DE ESTUDANTES QUILOMBOLAS NA UFT DE ARRAIAS

5.1 O que diz os dados da UFT de Arraias

Como o intuito de ampliar e fortalecer a pesquisa, decidimos buscar dados que mostre a porcentagem de acadêmicos que ingressa a cada a ano e semestre, mostrando assim quantos deles são quilombolas, nessa perspectiva observamos que seria importante relacionar esses dados para obter um melhor entendimento ao entorno do acesso e permanência dos quilombolas na universidade, sendo uma forma de contextualizar toda essa questão. Os dados coletados foram solicitados via e-mail para Coordenação de Desenvolvimento, Informações e Suporte, no qual tive o retorno e em seguida iniciamos as análises.

Tabela 2. Total de matrículas na UFT por campus em 2021

Campus UFT	Estudantes
Araguaína	3552
Arraias	1292
Gurupi	1114
Miracema	1084
Palmas	6293
Porto Nacional	1597
Tocantinópolis	818
Total Geral	15750

Fonte: Dados fornecidos pela UFT - Coordenação de Desenvolvimento, Informações e Suporte Acadêmico (Cdisa) (2021)

A tabela 2 mostra a quantidade de matrícula na Universidade no ano de 2021, buscando destacar a quantidade de pessoas que matriculou em cada cidade, isto é, com maior ingresso temos a capital do Tocantins Palmas com 6.293, em seguida temos Araguaína com 3.552, Porto Nacional com 1.597, Arraias com 1.292, Gurupi com 1.114, Miracema com 1.084, e Tocantinópolis com 818, totalizando 15.750. Assim sendo, observamos que o campus de Arraias está na posição 4, ficando atrás de

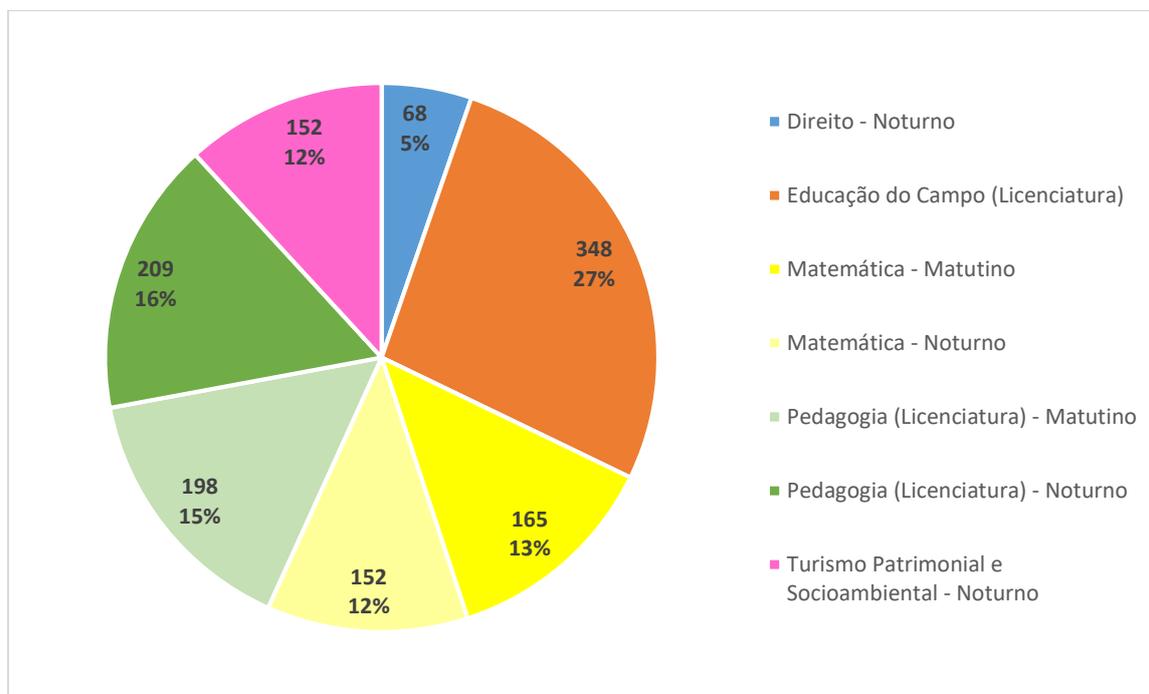
Palmas, Araguaína e Porto Nacional e com menor ingresso por ano temos a cidade de Tocantinópolis.

Tabela 3 .Total de matrículas na UFT – Arraias por curso em 2021

UFT ARRAIAS	Estudantes
Curso de Direito - Noturno – Arraias	68
Curso de Educação do Campo (Licenciatura) - Arraias	348
Curso de Matemática - Matutino Arraias	165
Curso de Matemática - Noturno – Arraias	152
Curso de Pedagogia (Licenciatura) - Matutino – Arraias	198
Curso de Pedagogia (Licenciatura) - Noturno – Arraias	209
Curso de Turismo Patrimonial e Socioambiental - Noturno - Arraias	152
Total Geral	1292

Fonte: Dados fornecidos pela UFT - Coordenação de Desenvolvimento, Informações e Suporte Acadêmico (Cdisa) (2021)

Gráfico 1. Total de matrículas na UFT – Arraias por curso em 2021

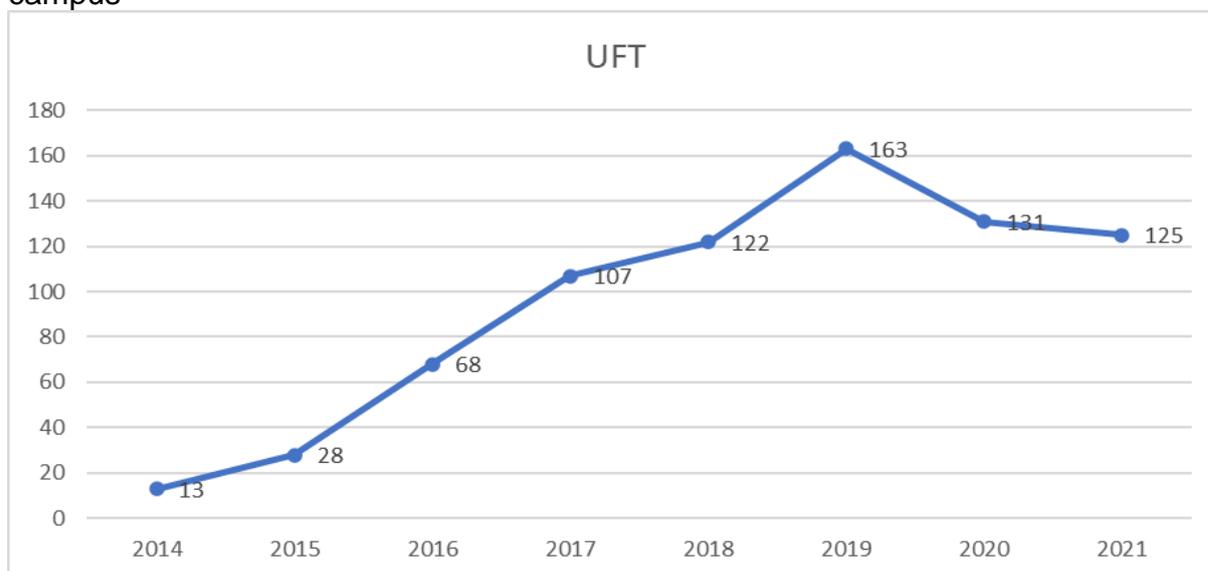


Fonte: Dados fornecidos pela UFT - Coordenação de Desenvolvimento, Informações e Suporte Acadêmico (Cdisa) (2021)

A tabela 3 e o gráfico 1 traz a porcentagem de acadêmicos matriculados em cada curso da universidade de Arraias-TO, com maior número de matriculados temos

o curso de Educação do Campo com 348 (27%), em seguida temos o curso de Pedagogia- noturno com 209 (16%), Pedagogia- matutino com 198 (15%), Matemática- matutino com 165 (13%), Matemática-noturno com 152 (12%), Turismo Patrimonial e Socioambiental- noturno com 152 (12%) e Direito com 68 (5%), enfim observamos que o menor número de matriculados são no curso de Direito, e o total é 1.292 (100%) de matriculados em todos os cursos ofertados no campus de Arraias.

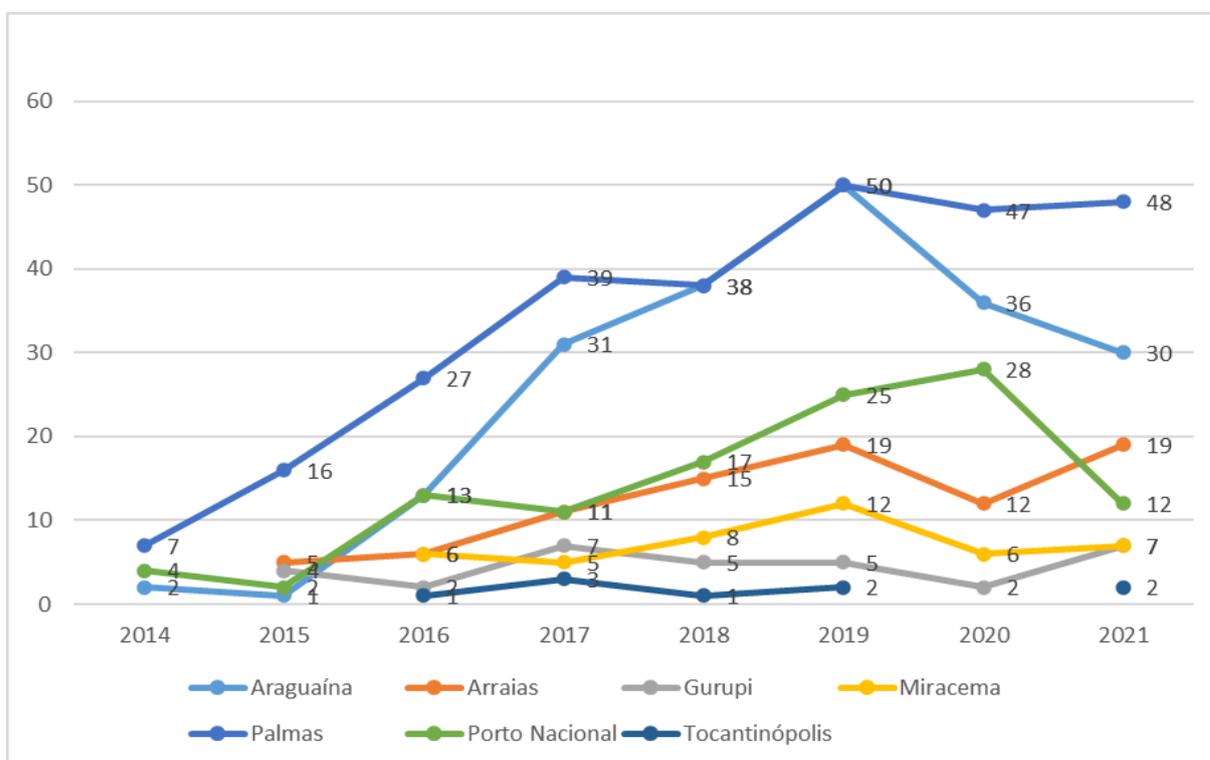
Gráfico 2. Estudantes quilombolas ingressantes na UFT de 2014 – 2021 por campus



Fonte: Dados fornecidos pela UFT - Coordenação de Desenvolvimento, Informações e Suporte Acadêmico (Cdisa) (2021)

O gráfico 2 nos mostra um percentual de acadêmicos quilombolas ingressantes do ano de 2014-2021, como percebemos houve crescimentos desde 2014 até 2019, mais seu maior crescimento foi no ano de 2019, e nos últimos dois anos sendo eles 2020 e 2021 teve quedas. Sendo assim, surgem questionamentos sobre essa queda, em que a pandemia pode ter influenciado essa situação, ou está ligada a outra questão.

Gráfico 3. Estudantes quilombolas ingressantes na UFT de 2014 – 2021 por campus



Fonte: Dados fornecidos pela UFT - Coordenação de Desenvolvimento, Informações e Suporte Acadêmico (Cdisa) (2021)

Tabela 4. Quilombolas ingressantes na UFT entre 2014 - 2021

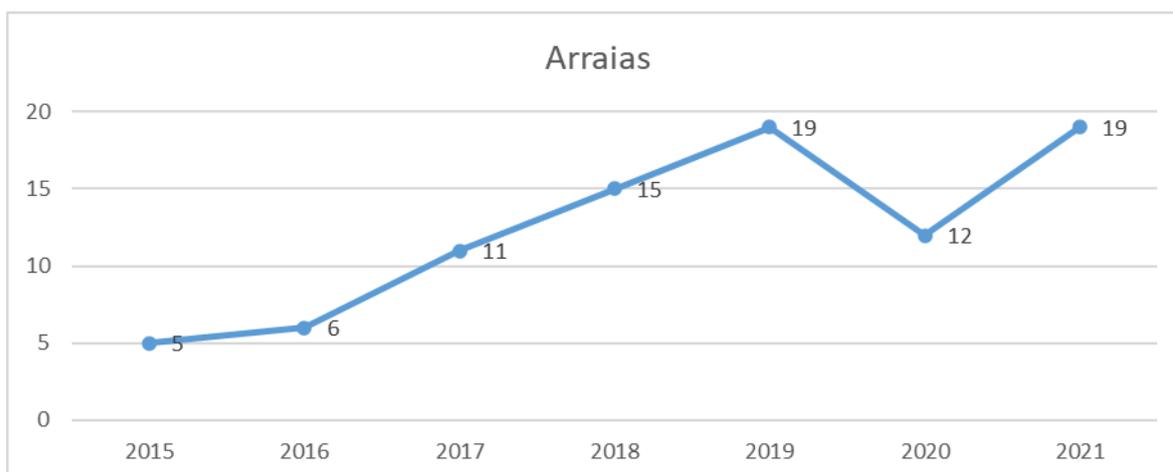
Rótulos de Linha	Araguaína	Arraias	Gurupi	Miracema	Palmas	Porto Nacional	Tocantinópolis	Total Geral
2014	2	2	4	7	7	4		13
2015	1	5	4	16	16	2		28
2016	13	6	2	6	27	13	1	68
2017	31	11	7	5	39	11	3	107
2018	38	15	5	8	38	17	1	122
2019	50	19	5	12	50	25	2	163
2020	36	12	2	6	47	28	2	131
2021	30	19	7	7	48	12	2	125
Total Geral	201	87	32	44	272	112	9	757

Fonte: Dados fornecidos pela UFT - Coordenação de Desenvolvimento, Informações e Suporte Acadêmico (Cdisa) (2021)

O gráfico 3 e a tabela 4 trazem as quantidades de quilombolas ingressantes por ano em cada campus do Tocantins, o campus com maior ingresso foi o de Palmas com 272, em seguida temos o de Araguaína com 201, Porto Nacional com 112, Arraias com 87, Miracema com 44, Gurupi 32 e Tocantinópolis com 9, sendo este com menor quilombolas ingressantes. Percebe-se que desde 2014-2021 houve crescimentos e quedas simultaneamente em algumas cidades, aspectos esses importantes para impulsionar a busca pelo ingresso na universidade. É visível que houve quedas

durante o ano de 2020 e pequena retomada em 2021 em algumas cidades como Arraias, Gurupi e Miracema. O campus de Porto Nacional destoa da tendências dos dois anos da crise sanitária 2020 e 2021, crescendo no primeiro ano e com queda aguda em 2021.

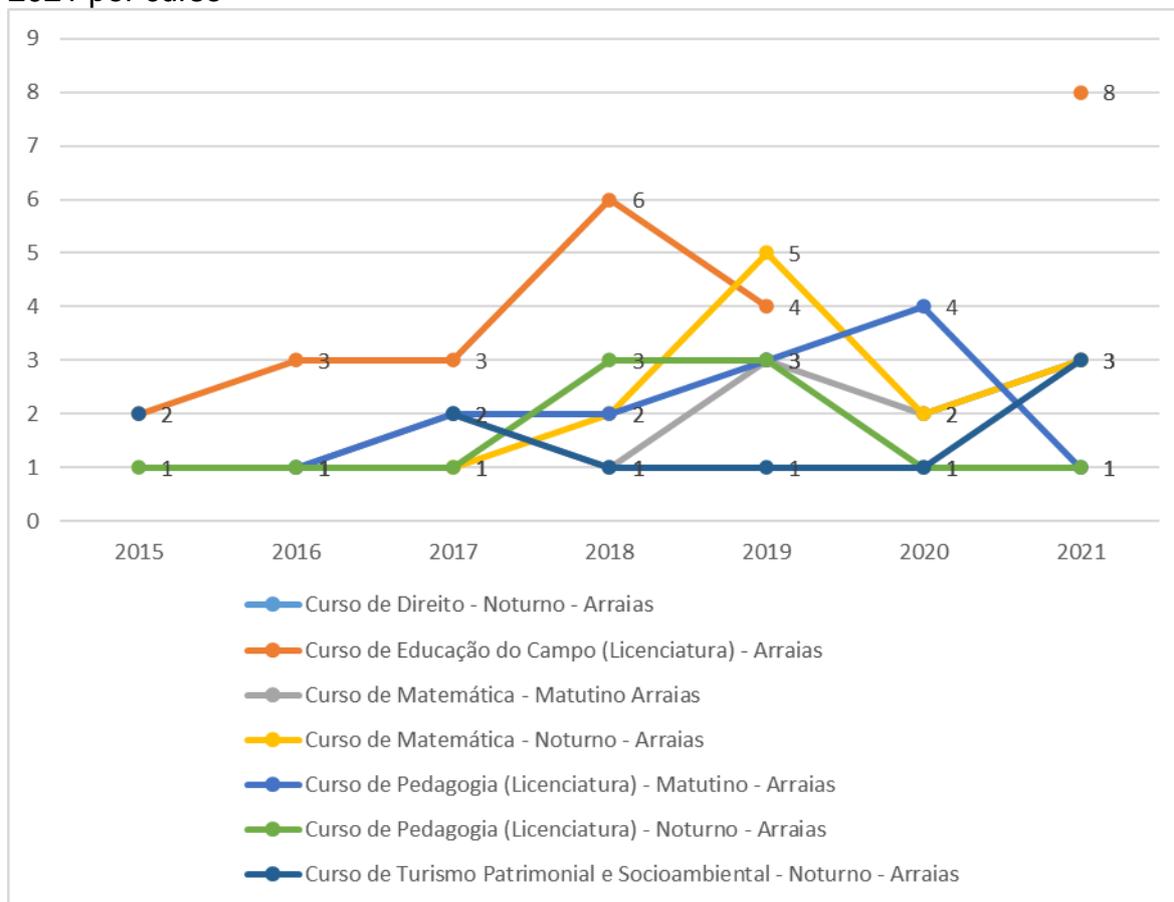
Gráfico 4. Estudantes quilombolas ingressantes na UFT campus Arraias de 2015-2021



Fonte: Dados fornecidos pela UFT - Coordenação de Desenvolvimento, Informações e Suporte Acadêmico (Cdisa) (2021)

O gráfico apresenta a quantidade de estudantes quilombolas ingressantes na UFT de Arraias durante o ano de 2015-2021, é visível que Arraias teve um crescimento direto até em 2019, e em 2020 teve queda, mais voltando ao mesmo número em 2021, isso desperta a dúvida do motivo da queda em 2020, porém é importante dizer que se cada vez mais quilombolas forem se formando as comunidades terão mais possibilidades de melhorias em várias questões.

Gráfico 5. Estudantes quilombolas ingressantes na UFT campus Arraias de 2015 – 2021 por curso



Fonte: Dados fornecidos pela UFT - Coordenação de Desenvolvimento, Informações e Suporte Acadêmico (Cdisa) (2021)

Tabela 5. Estudantes quilombolas ingressantes na UFT campus Arraias de 2015 – 2021 por curso

Ano	Educação do Campo (Licenciatura) - Noturno	Pedagogia (Licenciatura) - Noturno	Turismo Patrimonial e Socioambiental - Noturno	Matemática - Matutino	Pedagogia (Licenciatura) - Matutino	Matemática - Noturno	Direito - Noturno	Total Geral
2015	2	1	2					5
2016	3	1		1	1			6
2017	3	1	2	2	2	1		11
2018	6	3	1	1	2	2		15
2019	4	3	1	3	3	5		19
2020		1	1	2	4	2	2	12
2021	8	1	3		1	3	3	19
Total Geral	26	11	10	9	13	13	5	87

Fonte: Dados fornecidos pela UFT - Coordenação de Desenvolvimento, Informações e Suporte Acadêmico (Cdisa) (2021)

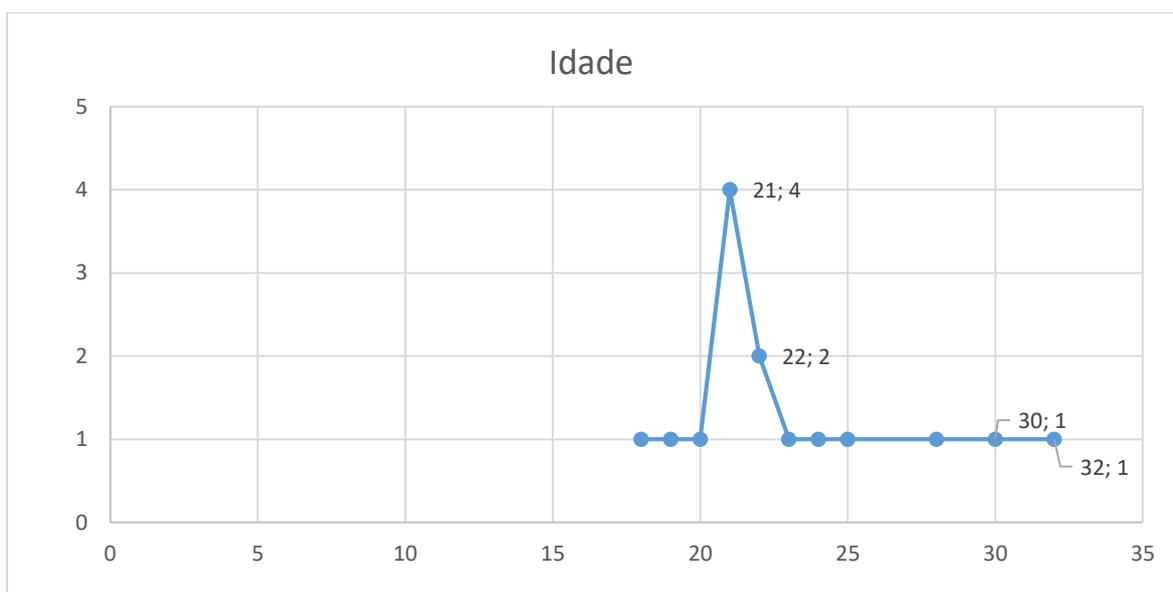
O gráfico 5 e a tabela 5 mostram o número de estudantes quilombolas ingressantes na UFT de Arraias por curso 2015-2021, onde o curso que maior obteve ingresso foi o de Educação do Campo com 26, em seguida Pedagogia-matutino e Matemática-noturno ambas com 13, Pedagogia-noturno com 11, Turismo com 10, Matemática-matutino com 9 e Direito com 5. Onde com melhor clareza podemos perceber que os houve um crescimento na porcentagem de acadêmicos quilombolas dentro da universidade, pois em 2015 foi apenas 5 ingressantes no curso de Pedagogia 1, Educação do Campo 2 e Turismo 2, e já no ano de 2021 chegamos a ter 19 acadêmicos ingressantes na Universidade, nisso tivemos um percentual estável por ano, já que em alguns houve aumento e em apenas uma queda e logo permanecendo no mesmo nível.

5.2 O que dizem os estudantes quilombolas da UFT de Arraias

Essa pesquisa vem com o intuito de retratar de forma mais clara sobre quais são os relatos dos acadêmicos quilombolas em relação as suas dificuldades encontradas na universidade, pois com a pesquisa podemos ter uma visão mais ampla de quais são os pontos positivos e negativos deles sobre a universidade e o ensino superior.

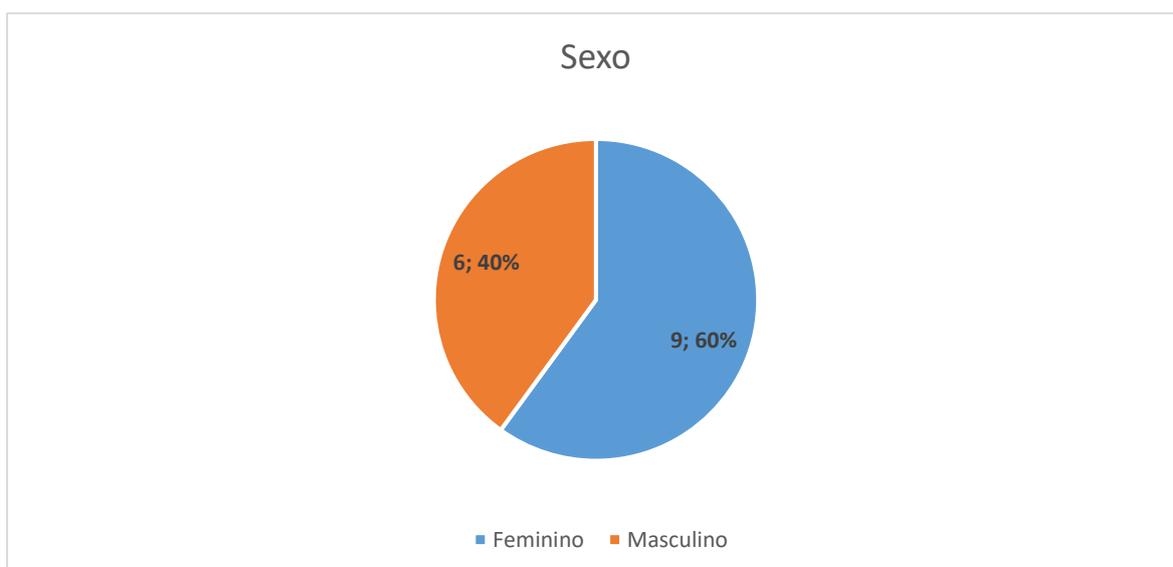
Nessa seção apresento os dados coletados da seguinte forma. Diante do momento de pandemia utilizamos a plataforma digital Google Form para realizar o questionário, a pesquisa buscava trazer informações sobre os acadêmicos quilombolas, tentando esclarecer sobre o acesso e permanência destes na universidade, onde foi realizado 17 perguntas relacionadas ao período de ingresso e permanência no curso, pesquisamos em média 30 acadêmicos da Universidade Federal Tocantins, Campus Prof. Dr. Sérgio Jacintho Leonor, cidade de Arraias.

Assim sendo, logo abaixo pontuo as respectivas perguntas do questionário aplicado, como forma de melhor potencializar os dados apresentados.

Gráfico 6. Idade de estudantes quilombolas entrevistados

Fonte: Elaborado pelo autor a partir da pesquisa (2021).

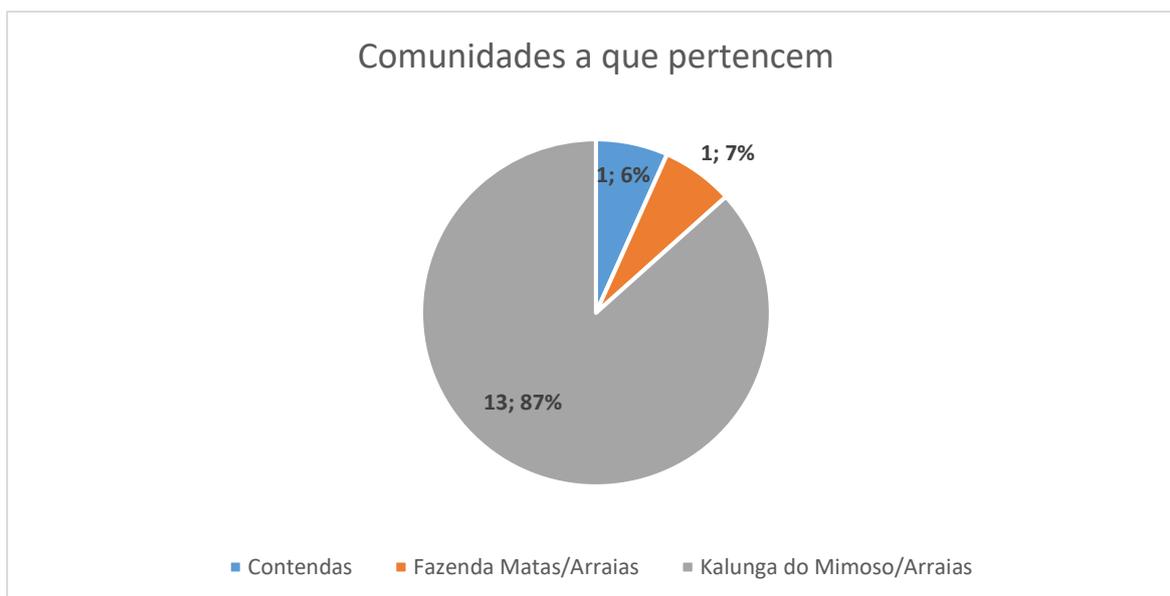
O gráfico traz a porcentagem das idades dos acadêmicos que responderam o questionário, percebe-se que as idades são entre 18 a 43 anos e tivemos a porcentagem maior de respondentes entre 21-22 anos.

Gráfico 7. Sexo de estudantes quilombolas entrevistados

Fonte: Elaborado pelo autor a partir da pesquisa (2021).

A pergunta relacionada ao sexo teve o percentual de 40% masculino (6 respondentes) e 60% feminino (9 respondentes).

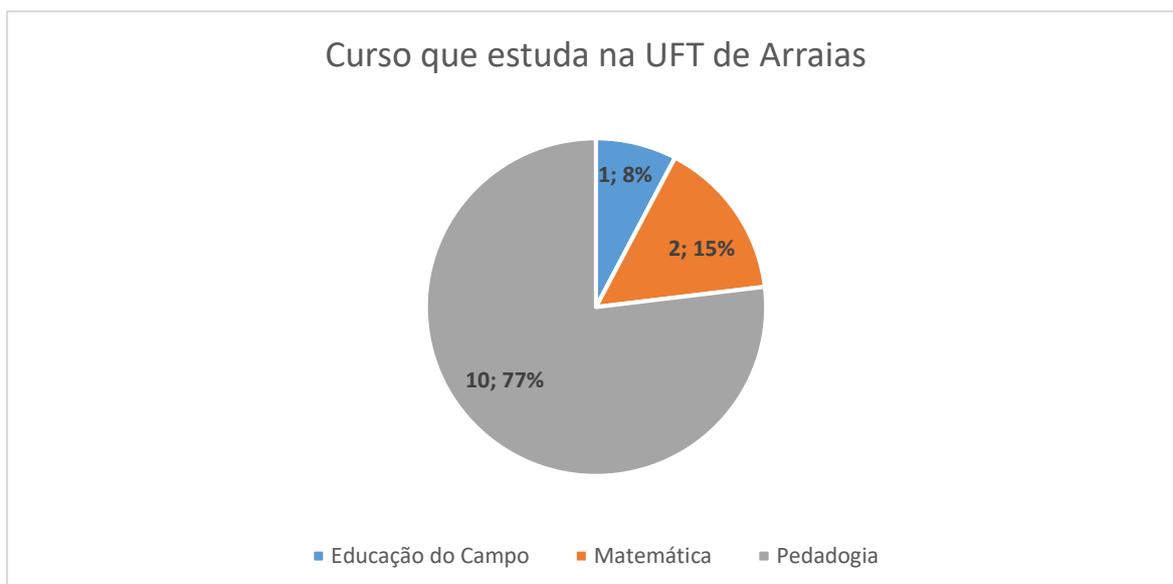
Gráfico 8. Nome da comunidade/município de estudantes quilombolas entrevistados



Fonte: Elaborado pelo autor a partir da pesquisa (2021).

Obtivemos três comunidades/município, 87% Kalunga do Mimoso/Arraias que teve o maior número de respondentes (13 respondentes), Fazenda Matas/ Arraias e Contendas com a mesma porcentagem de 7% (um respondente de cada comunidade).

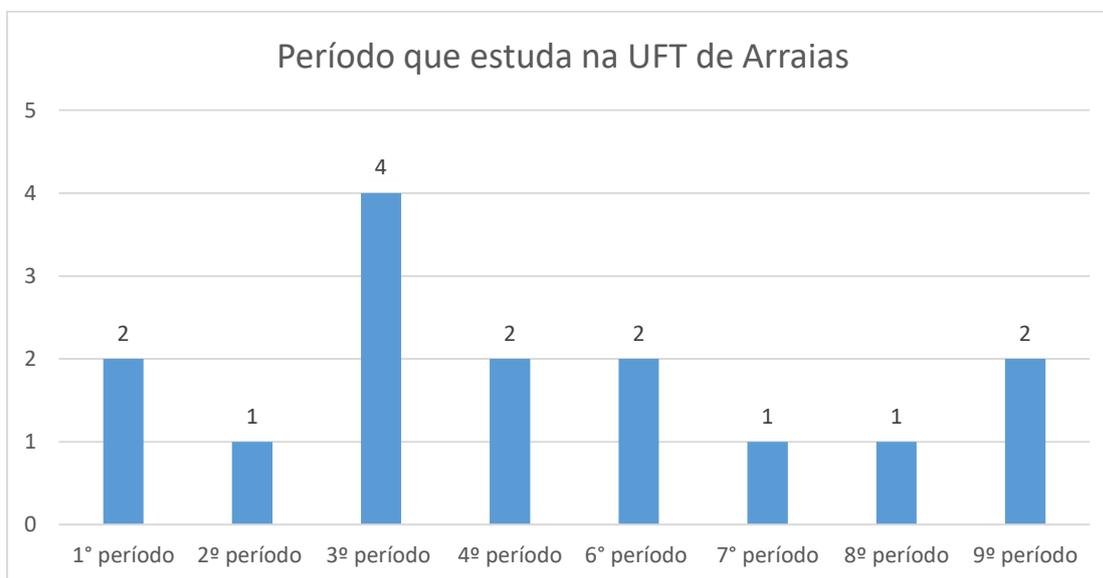
Gráfico 9. Curso de estudantes quilombolas entrevistados



Fonte: Elaborado pelo autor a partir da pesquisa (2021).

O gráfico 9 apresenta a porcentagem de 77% cursando Pedagogia (10 respondentes), sendo este o curso com maior número de entrevistados, Matemática com 15% (2 respondentes) e Educação do Campo com 8% (1 respondente).

Gráfico 10. Período do curso de estudantes quilombolas entrevistados

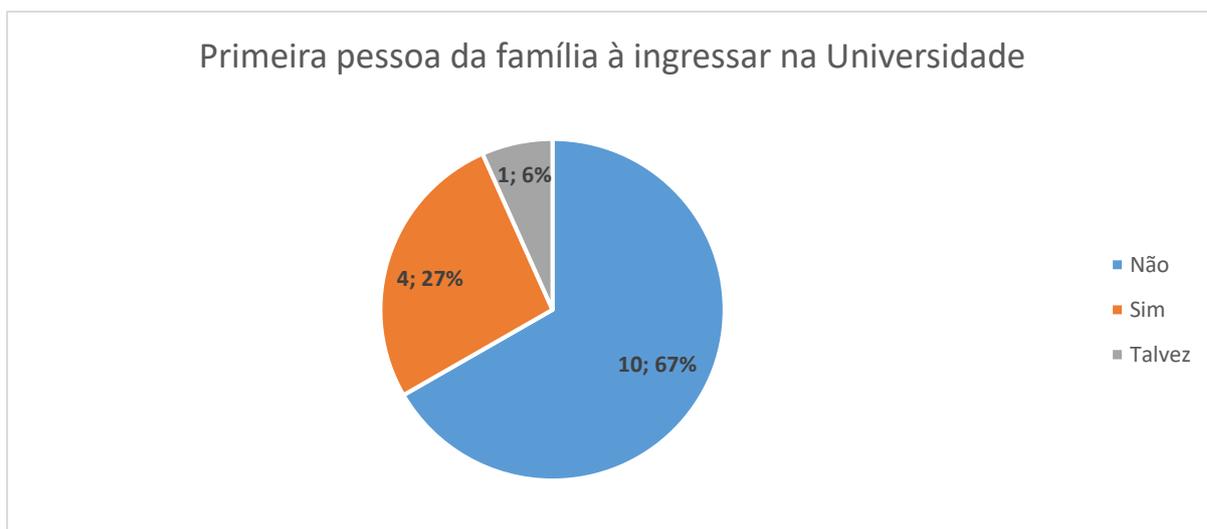


Fonte: Elaborado pelo autor a partir da pesquisa (2021).

O gráfico 10 mostra cada período que o estudante quilombola está matriculado. Traz a quantidade e distribui no tempo de curso, contemplando quase todos os períodos. Tivemos 2 no primeiro período, 1 no segundo período, 4 no terceiro período,

2 no quarto período, 2 no sexto período, 1 no sétimo período, 1 no oitavo período, 2 no nono período as respostas ficaram bem dívidas nessa questão.

Gráfico 11. Primeira pessoa da família de estudantes quilombolas entrevistados a ingressar na universidade



Fonte: Elaborado pelo autor a partir da pesquisa (2021).

Muitos responderam que não são os primeiros a ingressarem no ensino superior 67% deles (10 respondentes), sim sou o primeiro, ficou em segundo com 27% (4 respondentes) e a opção talvez ficou com 6% (1 respondente). Percebe-se que cada vez mais essas pessoas estão tendo a oportunidade de entrar na universidade, pois já existem pessoas formadas nas comunidades.

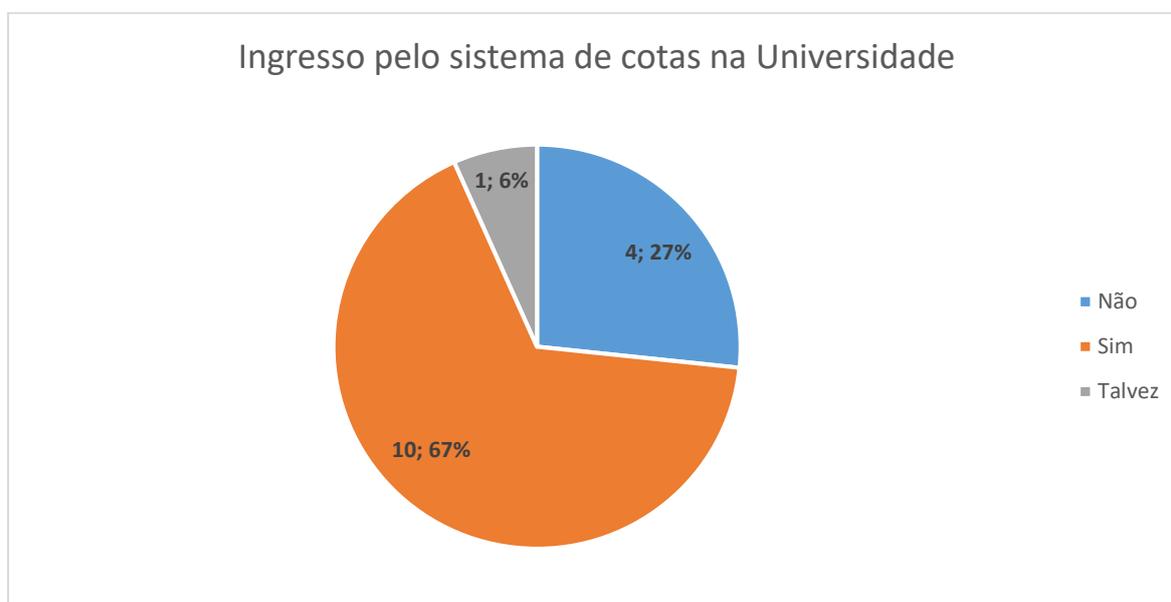
Pergunta: Motivações para buscar a educação superior

Com essa pergunta percebe-se que os acadêmicos buscaram o ensino superior em sua maioria com o foco de ter uma melhoria em suas vidas, outros em serem um bom profissional. Quando uma fala sobre “Buscando conhecimento para dar uma vida melhor para meus filhos e para minha comunidade” (Estudante 01), na colocação dá para observar que o estudante pensa em levar melhoria para a comunidade, pois precisamos de pessoas assim que se forme e volta para dar o apoio para aquelas pessoas que reside lá e não tem conhecimento por falta de oportunidades.

Pergunta: Dificuldades ao entrar na Universidade

Obtivemos como respostas dessa pergunta uma diversidade de dificuldades pontuadas pelos alunos, onde em sua maioria foi apresentada a questão de conciliar o trabalho e os estudos, outros já abordaram sobre a ausência de conhecimento da tecnologia e ainda a falta de acesso para utilização nas aulas online, ainda tivemos alunos que destacou como dificuldade a adaptação à nova realidade, o novo ensino.

Gráfico 12. Ingresso pelo sistema de cotas na universidade



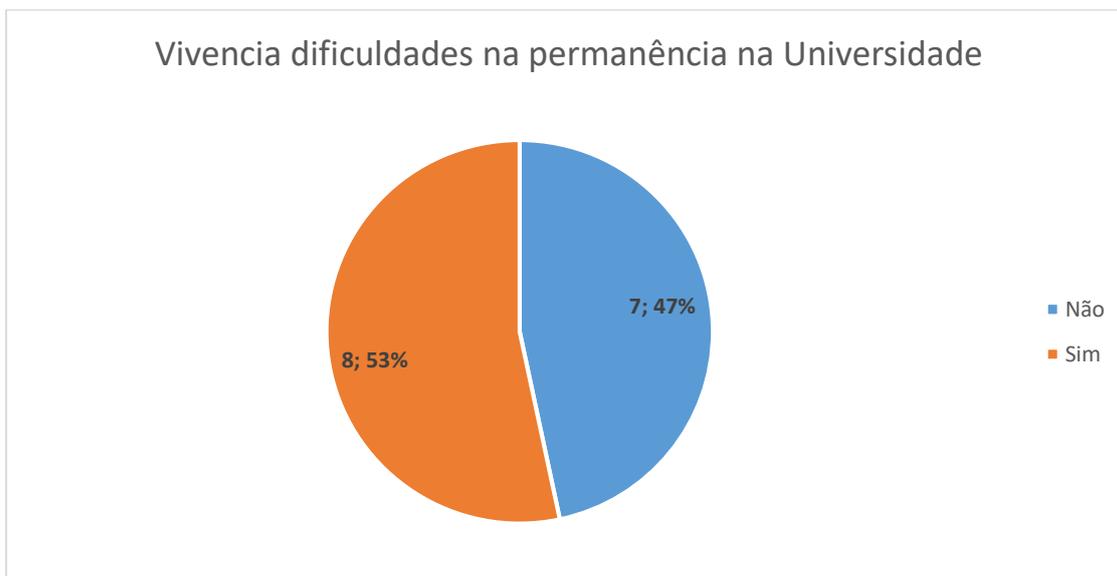
Fonte: Elaborado pelo autor a partir da pesquisa (2021).

Obtivemos como resposta ao ingresso pelo sistema de cotas a porcentagem de 67% para sim (10 respondentes), 27% para não (4 respondentes) e 6% para talvez (1 respondente).

Pergunta: Como conheceu as políticas de cotas para o ingresso na universidade

Percebemos diante das respostas que em sua maioria não era novidade para os estudantes, e de alguma forma eles já tinham ouvido falar das políticas de cotas ou por familiares, por professores da educação básica ou então amigos. Mas é importante ressaltar que eles já tinham noção do que seria essas políticas de cotas dentro da universidade, sendo assim poderiam correr atrás dos seus direitos como cidadãos.

Gráfico 13. Dificuldades na permanência na universidade

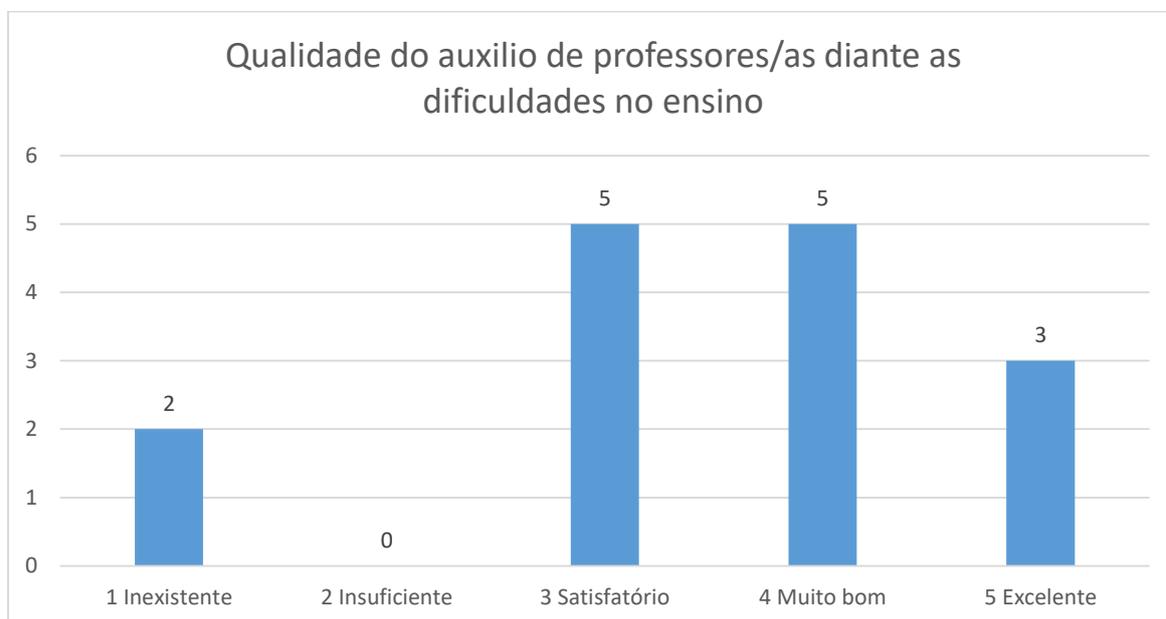


Fonte: Elaborado pelo autor a partir da pesquisa (2021).

O gráfico mostra que relacionado a dificuldade de permanência na universidade 53% tem dificuldade (8 respondentes) e 47% não tem (7 respondentes).

Relato

Os relatos foram bastante diversificados, pois cada estudante apresentou a sua dificuldade, duas pessoas falaram sobre a pandemia que tiveram dificuldade em conciliar o ensino remoto, pois isso era novidade para eles. Outra sobre a falta de acesso à internet para realizar os trabalhos acadêmicos, em conciliar o trabalho com os estudos, pois alguns alunos têm que trabalhar e estudar para se manter, outro acadêmico fala sobre a tecnologia tendo dificuldades em aprender a lidar com os ambientes tecnológicos. Sendo assim dar para perceber que em meio as dificuldades esses estudantes não desistiram pois tem um foco de tentar buscar a melhoria de vida.

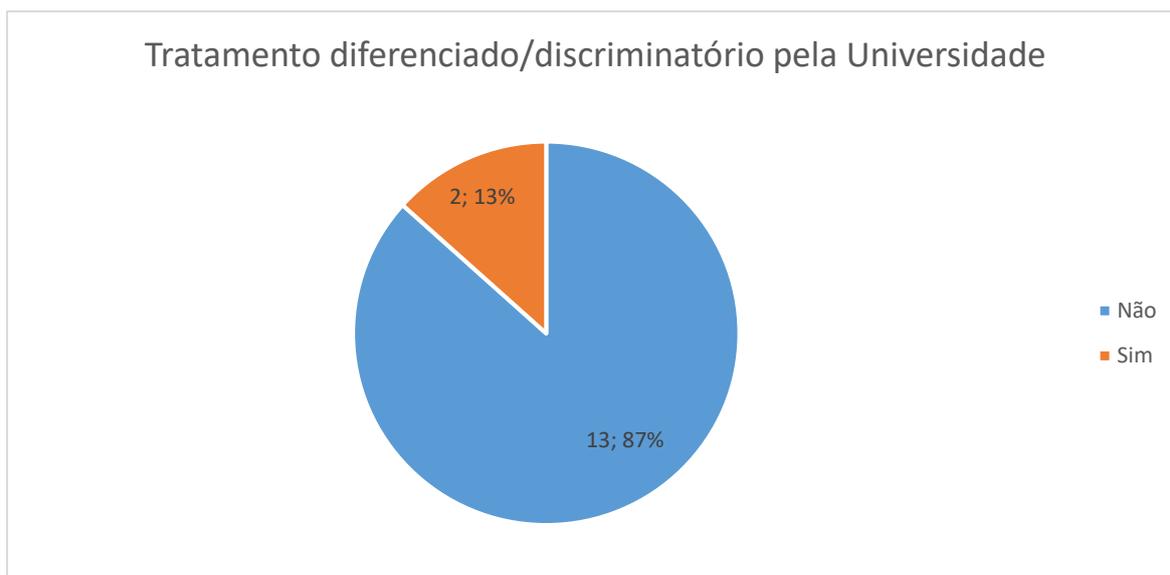
Gráfico 14. Qualidade do auxílio de professores/as diante as dificuldades no ensino

Fonte: Elaborado pelo autor a partir da pesquisa (2021).

Nota média de 1 a 5: 3,46

É notório que a porcentagem do auxílio de professores está em média 1 a 5: 3,46, percebe-se que boa parte dos professores ajuda sim os alunos e estão realmente preocupados com o conhecimento deles, pois com seus auxílios os acadêmicos desenvolvem em uma porcentagem bem melhor. Assim sendo, 2 alunos responderam que é inexistente essa qualidade do auxílio, 5 alunos satisfatório, 5 alunos muito bom e 3 alunos excelente, e como insuficiente obtivemos o total 0.

Gráfico 15. Tratamento de forma diferenciada na universidade



Fonte: Elaborado pelo autor a partir da pesquisa (2021).

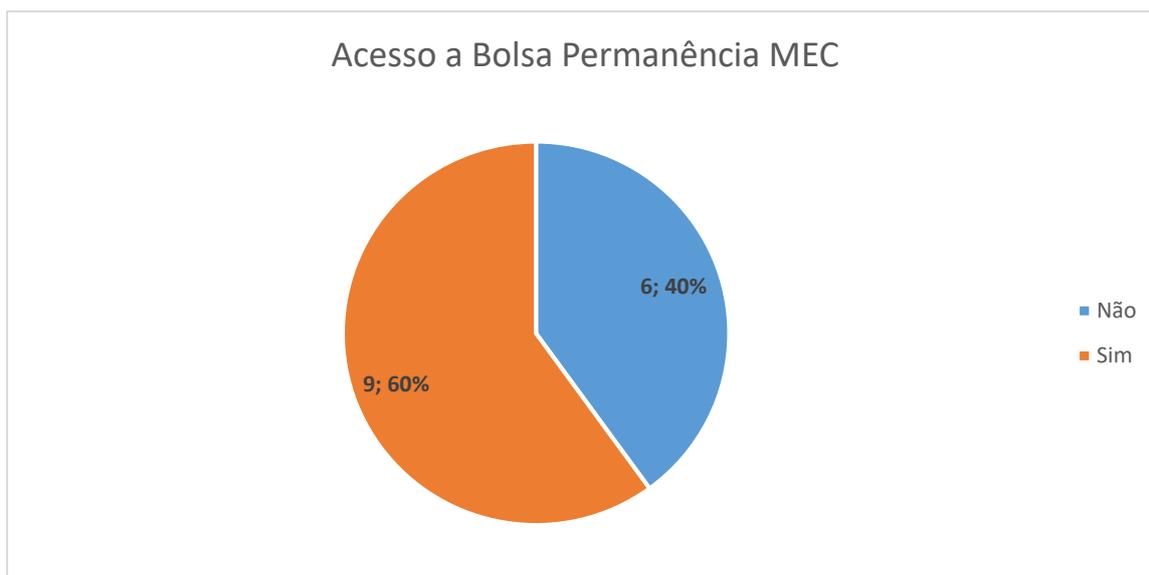
O gráfico apresenta em sua maioria o não como resposta com 87% (13 respondentes) e 13% de sim (2 respondentes).

Relato

Sobre os relatos, em sua maioria obtivemos como resposta que são bem tratados dentro da universidade e sem nenhuma diferença. Porém uma quilombola vê que existem olhares diferente pela sua cor e forma de falar, por mais que viemos trabalhando cada vez mais sobre preconceitos e discriminações vemos que isso está presente diariamente em nosso meio, as pessoas têm que entender e respeita o outro independente da sua raça e cor, pois temos os mesmos direitos perante a sociedade.

Já o outro estudante vê que a o olhar discriminatório, por receber uma bolsa no valor de 900 reais, sendo esta para ajudar a ser manter na universidade, pois eles são em sua maioria as pessoas que mais necessita de ajuda financeira já que vieram de famílias que tem baixo custo de vida, sendo ela de baixa renda.

Gráfico 16. Acesso à bolsa permanência (MEC)



Fonte: Elaborado pelo autor a partir da pesquisa (2021).

O acesso a bolsa permanência (MEC), ficou dividido da seguinte forma 60% tem acesso (9 respondentes) e 40% não recebe esse recurso para auxiliar no estudo (6 respondentes).

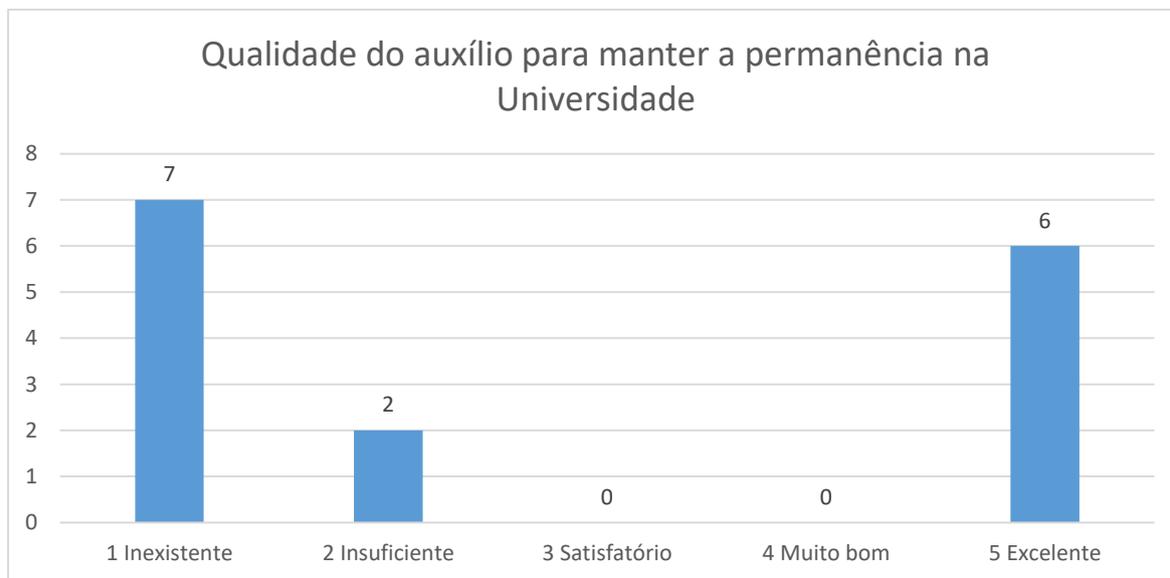
Gráfico 17. Acesso a outras políticas na universidade voltada a permanência no curso



Fonte: Elaborado pelo autor a partir da pesquisa (2021).

O gráfico está dividido da seguinte forma 73% não tem acesso a outras políticas da universidade (11 respondentes) e 27% sim recebe outros auxílios para mantimentos na universidade (4 respondentes)

Gráfico 18. Qualidade do auxílio para manter a permanência na Universidade



Fonte: Elaborado pelo autor a partir da pesquisa (2021).

Nota média de 1 a 5: 2,73

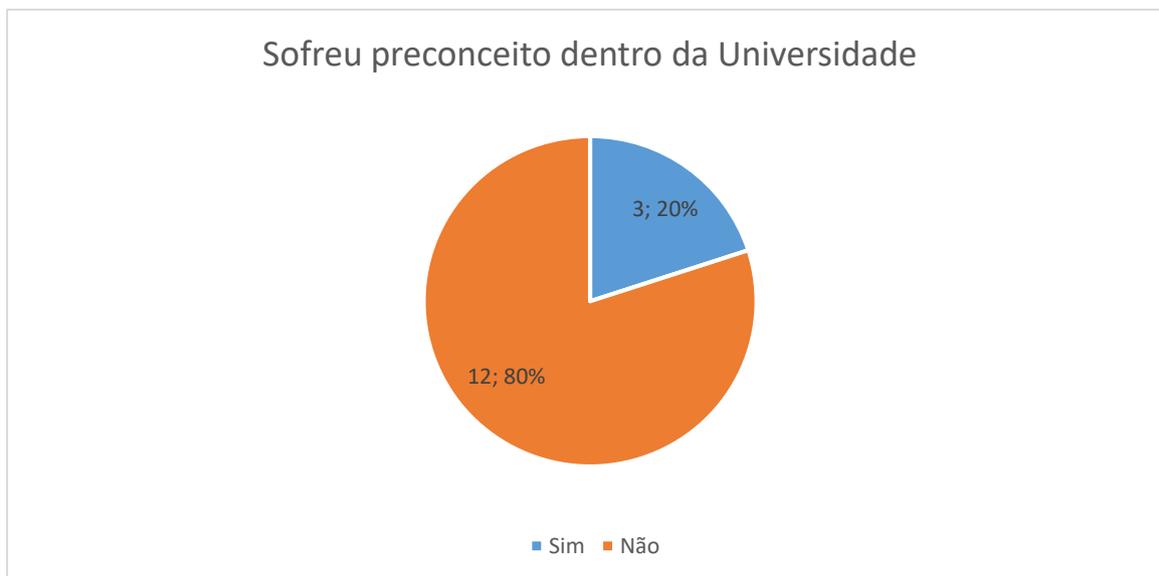
Adiante disso a resposta dos acadêmicos foram a conseguinte a média de 1 a 5: 2,73%, ficando dividido em 7 pessoas que não recebem o auxílio, 2 pessoas que acharam insuficiente e 6 pessoas que acharam excelente, então significa que as pessoas que recebem o auxílio uma boa parte delas conseguem se manter com o valor.

Pergunta: Sugestões de mudanças ou inclusão de políticas que poderiam contribuir com a entrada e permanência dos estudantes na universidade

Os estudantes sugerirão diversas formas de mudanças ou inclusão de políticas para melhorar o acesso e permanência na universidade, alguns falaram sobre aumento de quantidades de vagas para esses estudantes, disseram que muitos não consegue entrar por pouca quantidade de vagas. Outros acadêmicos falaram do aumento da bolsa permanência e uma pessoa falou sobre a melhoria na divulgação

dando a entender que essas ações para os quilombolas ainda são pouco reconhecidas por esses povos.

Gráfico 19. Estudantes quilombolas entrevistados que sofreram algum preconceito dentro da universidade



Fonte: Elaborado pelo autor a partir da pesquisa (2021).

O gráfico mostra que 80% não sofreu qualquer tipo de preconceito dentro da universidade (12 respondentes) e 20% sofreu algum preconceito (3 respondentes)

As respostas deles são bem claras onde o que sofreu relata que o questionamento maior é por causa da bolsa permanência MEC, que recebe para o auxílio no ensino, outra pessoa fala que não que ele saiba, outra responde que pensava que iria sofrer preconceitos por ser do Kalunga do mimoso, mais até o momento não sofreu nenhum preconceito.

Dar para perceber pela fala de alguns acadêmicos quilombolas, que mesmo antes de entrar na universidade já tinham um pensamento que eles seriam menosprezados por ser pessoas que vieram de comunidades. Tais relatos possibilita perceber cada vez mais que as pessoas estão sabendo tratar o outro com respeito e igualdade, vemos que poucos deles sofreram preconceitos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude dos fatores mencionados durante a pesquisa, tive como intuito trazer esclarecimentos sobre o acesso e permanência dos quilombolas na universidade, fator esse que trabalhamos com o propósito de entender e conhecer melhor a realidade desses estudantes. Queríamos com essa pesquisa saber como foram o acesso e permanência desses estudantes, pois como sabemos muitos foram criados nas comunidades e isso não era algo comum dentro da sua realidade. Tal objetivo demandou a retomada da história das comunidades quilombolas e dos movimentos sociais que significaram conquistas em políticas de acesso e permanência na educação superior entre outras.

O objetivo deste trabalho é conhecer as dificuldades enfrentadas por estes estudantes quilombola, diante do seu ingresso na universidade e, sobretudo, sua permanência e conclusão da graduação, vejo que nosso objetivo foi alcançado por que a pesquisa tinha a finalidade de fazer com que os acadêmicos falasse um pouco mais sobre essa experiência na vida deles, mostrando o que acontece dentro do ensino superior e quais foram suas dificuldades na adaptação, sendo assim quem ler esse trabalho vai ter melhor compreensão sobre o assunto.

Inicialmente o trabalho teve como foco buscar entender através do questionário aplicado, uma visão ampla em relação aos acadêmicos quilombolas de diferentes cursos que faz parte da estrutura da UFT de Arraias, isto é, foi direcionado a alunos de Pedagogia, Matemática e Educação do Campo. Essa pesquisa deu visibilidade a todo o processo em que o quilombola passa para obter sua permanência no ensino superior em relação a sua realidade, que no qual apresenta por meio das suas respostas as dificuldades e ainda seus auxílios dentro da universidade para garantia e permanência de modo persistente na busca da sua formação profissional.

Para enriquecer o trabalho tivemos informações da Coordenação de Desenvolvimento, Informações e Suporte que disponibilizou dados de extrema relevância sobre quantidades de estudantes em todo o território tocantinense e a porcentagem de quilombolas presentes no ensino superior, diante disso essas informações fortaleceu ainda mais a pesquisa dando um direcionamento maior sobre alguns pontos relacionados aos quilombolas.

Espero que essa pesquisa proporcione aos leitores um esclarecimento sobre quais são os fatores que traz realmente dificuldade no acesso e permanência deles,

e ainda estimular estes sobre a importância de trabalhar esse assunto que por muitas vezes passa despercebido dentro o meio social e educacional, já que essa discussão se faz pertinente em relação a sua história, aceitação e reconhecimento desde de anteriormente até atualmente.

REFERÊNCIAS

BLOG UNIVERSITÁRIO. **Pesquisa do IBGE aponta que Brasil ainda tem 11 Milhões de Analfabetos.** Disponível em: <https://blog.wyden.com.br/noticias/pesquisa-do-ibge-aponta-que-brasil-ainda-tem-11-milhoes-de-analfabetos/>. Acesso em: 13 de set. de 2021.

CHAVES, Wanderson da Silva. **O Partido dos Panteras Negras.** 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/TvmkYWQhmtkPMGZWBZzgp9c/?lang=pt>. Acesso em: 05 de Agosto de 2021.

CONAQ. **Quilombo? Quem Somos Nós!.** 2016. Disponível em: <http://conaq.org.br/quem-somos/>. Acesso em 02 out. 2021.

COSTA, Magda Suely Pereira. Capítulo 1 e 2. **Poder local em Tocantins: domínio e legitimidade em Arraias.** 2008.

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos.** 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-77042007000200007&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 15 de maio de 2021.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FUNDAÇÃO CULTURAL DOS PALMARES. **Certificação Quilombola.** 2021. Disponível em: http://www.palmares.gov.br/?page_id=37551. Acesso em: 28 de Jul. de 2021.

FUNDAÇÃO CULTURAL DOS PALMARES. **Relatório de Gestão 2012 Programa Brasil Quilombola.** Disponível em: <https://www.defensoria.sp.def.br/dpesp/repositorio/39/relatorio-pbq-2012.pdf>. Acesso em: 13 de set. 2021.

FURTADO, Marcella Brasil. **Cultura, Identidade E Subjetividade Em Uma Comunidade Quilombola: Uma Etnografia Na Comunidade Kalunga.** 2013. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/13729>. Acesso em: 13 de set. 2021.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar.** Rio de Janeiro: Record, 1997.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano.** Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

OLIVEIRA, Amurabi. **Repensando a Sociologia da Educação no Brasil: ações afirmativas e teorias do sul.** 2018.

G1 TOCANTINS, 2016. **Estudantes fazem protestos e ocupam outros dois campus da UFT.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2016/10/estudantes-fazem-protestos-e-ocupam-dois-campus-da-uft.html>>. Acesso em: 14 de set. de 2021.

IBGE, 2016. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua.** Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101576_informativo.pdf>. Acesso em: 14 de set. de 2021.

IBGE, 2019. **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil.** Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf. Acesso em: 14 de set. de 2021.

IBGE, 2020. **Arraias.** Disponível em: < <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/to/arraias.html>>. Acesso em: 14 de set. de 2021.

INEP, 2020. **Censo da Educação Básica 2019/ Resumo Técnico.** Disponível em: < https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_da_educacao_basica_2019.pdf>. Acesso em: 13 de set. de 2021.

JUNIOR, Alvaro Alberto Ferreira Mendes. **Uma análise da progressão dos alunos cotistas sob a primeira ação afirmativa brasileira no ensino superior:** o caso da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ensaio/a/dLNVHQSf3zTQZT5QjNdmSsm/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 05 out. 2021.

MEC, 2020. Censo escolar. **Brasil tem 1,4 milhão de professores graduados com licenciatura.** Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/setec-programas-e-acoes/acordo-gratuidade/33471-noticias/inep/85701-brasil-tem-1-4-milhao-de-professores-graduados-com-licenciatura>>. Acesso em 28 de Jul. de 2021.

MENDES, Raquel Almeida; LIMA, Fátima Maria de. **O Sistema De Cotas Raciais Nas Universidades Públicas Brasileiras.** 2016. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/geografia/article/download/2419/14862/>>. Acesso em: 13 de set. de 2021.

MOEHLECKE, Sabrina. **Propostas de ações afirmativas para o acesso da população negra ao ensino superior no Brasil:** experiências e debates. In: PROGRAMA A COR DA BAHIA. A Educação e os afro-brasileiros Salvador: UFBA; Ford Foundation; Novos Toques, 2000, p.167-181.

NASCIMENTO, Solange Aparecida do. **Entre o vivido e o sentido na escola:** uma experiência formativa na comunidade quilombola Lagoa da Pedra, TO. 2017. (Tese de doutorado). Disponível em:<>. Acesso em: 13 de set. de 2021.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Vozes, 2007.

PAIXÃO, Cláudio. **Escolas quilombolas valorizam saberes locais em comunidades tradicionais no Tocantins**. 2019. Disponível em: <<https://educ.to.gov.br/noticia/2019/4/3/escolas-quilombolas-valorizam-saberes-locais-em-comunidades-tradicionais-no-tocantins/>>. Acesso em: 15 de maio de 2021.

PORTAL UFT, 2017. **Encrespa Arraias promove valorização da cultura negra nesta sexta e sábado**. Disponível em: <<https://ww2.uft.edu.br/index.php/ultimas-noticias/18413-encrespa-arraias-promove-valorizacao-da-cultura-negra-nesta-sexta-e-sabado>>. Acesso em: 14 de set. de 2021.

SCHMITT, Alessandra; TURATTI, Maria Cecília Manzoli; CARVALHO, Maria Celina Pereira de. **A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas**. 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/asoc/a/3zsW4C3r6CFYcnx8sPSDrk/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 04 de Agosto de 2021.

SKLIAR, Carlos. **A educação e a pergunta pelos Outros: diferença, alteridade, diversidade e os outros "outros"**. 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/view/1244/4251>> Acesso em: 12 de maio de 2021.

SOUSA, Marina Grigório Barbosa; SANTOS, Carla Daniele. **Os quilombolas e a sua inserção na Universidade Federal do Tocantins (UFT) por meio das Cotas: Racismo à Brasileira e a questão racial no Tocantins**. X COPENE – Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros. Uberlândia, MG, 2018.

SOUZA, Marta Suely Leal De. Salas; SILVA, Cacilda Gonçalves Da. **MULTISSERIADAS: um olhar sobre as práticas educativas construídas na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Ovídio Tavares de Moraes**. Trabalho Monográfico. 42014. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/2913/1/CGS06102014.pdf>>. Acesso em: 04 de agosto de 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS. **Plano De Desenvolvimento Institucional (PDI) da Universidade Federal do Tocantins, 2021-2025**. Anexo da Resolução nº 38/2021 - Consuni Aprovado pelo Conselho Universitário em 23 de abril de 2021. p. 328.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS. Ministério da Educação. **CONSUNI n. 14/2013**. Disponível em: <<http://download.uft.edu.br/?d=877f8a02-5c4a-4c0c-95ce-792b9fe07b96;1.0>>. Acesso em: 13 de set. de 2021.

VALADÃO, Erasmo Baltazar. **A INSERÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS NO CAMPUS DE ARRAIAS: conhecimento, oportunidade e inclusão**

social. 2018. Disponível em:
<http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/32437/1/2018_ErasmoBaltazarValad%c3%a3o.pdf>. Acesso em: 13 de set. 2021.

APÊNDICE

APÊNDICE A- QUESTIONÁRIO ONLINE COM OS ESTUDANTES QUILOMBOLAS DA UFT DO CAMPUS DE ARRAIAS – TO

1. Sua idade:
2. Sexo:
() Feminino () Masculino () Outro
3. Nome da sua Comunidade/Município:
4. Nome do curso:
5. Você é a primeira pessoa da família à ingressar na Universidade?
6. Gostaria que comentasse o que levou você a buscar a Educação Superior.
7. Quais são (foram) as suas dificuldades ao entrar na universidade?
8. Você entrou pelo sistema de cotas na Universidade?
9. como soube da existência das cotas para ingresso na universidade?
10. Você enfrenta dificuldades na permanência na universidade? Nos relate.
11. Os professores te auxiliam diante as dificuldades no ensino?
12. Você é tratado de forma diferenciada na Universidade? Nos relate.
13. Você possui a Bolsa Permanência MEC?
() Sim () Não
14. você participa de outras políticas na universidade voltada a permanência no curso? Se sim, qual?
15. Se possui, o valor é suficiente para manter a sua permanência na universidade:
16. Sugere mudanças ou inclusão de políticas que poderiam contribuir com a entrada e permanência dos estudantes na universidade.
17. você já sofreu algum preconceito dentro da universidade?